

TÉCNICO EM ELETROTÉCNICA



MÓDULO I COMUNICAÇÃO ORAL E ESCRITA



2025 - INEPROTEC

Diretor Pedagógico	EDILVO DE SOUSA SANTOS
Diagramação	MICHEL MARTINS NOGUEIRA
Capa	MICHEL MARTINS NOGUEIRA
Elaboração	INEPROTEC

Direitos Autorais: É proibida a reprodução parcial ou total desta publicação, por qualquer forma ou meio, sem a prévia autorização do INEPROTEC, com exceção do teor das questões de concursos públicos que, por serem atos oficiais, não são protegidas como Direitos Autorais, na forma do Artigo 8º, IV, da Lei 9.610/1998. Referida vedação se estende às características gráficas da obra e sua editoração. A punição para a violação dos Direitos Autorais é crime previsto no Artigo 184 do Código Penal e as sanções civis às violações dos Direitos Autorais estão previstas nos Artigos 101 a 110 da Lei 9.610/1998.

Atualizações: A presente obra pode apresentar atualizações futuras. Esforçamo-nos ao máximo para entregar ao leitor uma obra com a melhor qualidade possível e sem erros técnicos ou de conteúdo. No entanto, nem sempre isso ocorre, seja por motivo de alteração de software, interpretação ou falhas de diagramação e revisão. Sendo assim, disponibilizamos em nosso site a seção mencionada (Atualizações), na qual relataremos, com a devida correção, os erros encontrados na obra e sua versão disponível. Solicitamos, outros sim, que o leitor faça a gentileza de colaborar com a perfeição da obra, comunicando eventual erro encontrado por meio de mensagem para contato@ineprotec.com.br.

VERSÃO 2.0 (01.2025)

Todos os direitos reservados à
Ineprotec - Instituto de Ensino Profissionalizante e Técnico Eireli
Quadra 101, Conjunto: 02, Lote: 01 - Sobreloja
Recanto das Emas - CEP: 72.600-102 - Brasília/DF
E-mail: contato@ineprotec.com.br
www.ineprotec.com.br

Sumário

ABERTURA	06
SOBRE A INSTITUIÇÃO	06
• Educação Tecnológica, Inteligente e Eficiente	06
• Missão	06
• Visão	06
• Valores	06
SOBRE O CURSO	06
• Perfil profissional de conclusão e suas habilidades	07
• Quesitos fundamentais para atuação	07
• Campo de atuação	07
• Sugestões para Especialização Técnica	07
• Sugestões para Cursos de Graduação	08
SOBRE O MATERIAL	08
• Divisão do Conteúdo	09
• Boxes	09
BASE TEÓRICA	11
INTRODUÇÃO	11
A COMUNICAÇÃO	12
• Conceitos e processos da comunicação	12
✓ Os processos de comunicação	13
• Tipos de comunicação	13
✓ Comunicação unilateral	13
✓ Comunicação bilateral	13
• Níveis de linguagem	14
✓ Língua funcional de modalidade culta	14
✓ Língua funcional de modalidade popular	14
✓ Linguagem verbal e linguagem não-verbal	14
• Diferenças entre o registro oral e escrito	15
• As funções da linguagem	16

✓ Função referencial ou denotativa	16
✓ Função expressiva ou emotiva	16
✓ Função apelativa ou conativa	17
✓ Função fática (de contato)	17
✓ Função metalinguística	17
✓ Função poética	17
• Linguagem coloquial e culta	17
• Leitura, compreensão e interpretação de textos	18
✓ A importância da leitura, compreensão e interpretação de textos	18

A GRAMÁTICA 20

• Tipos de gramática	20
✓ Gramática normativa	20
✓ Gramática descritiva	21
✓ Gramática histórica	21
✓ Gramática comparativa	21
• Divisões da gramática	21
✓ Fonologia	21
✓ Morfologia	22
✓ Ortografia	22

A ESCRITA 26

• Conceitos sobre texto	26
✓ O que é um texto?	26
✓ Organização do texto e ideia central	29
✓ Parágrafo no texto	30
✓ Coesão de um texto	32
✓ Coerência de um texto	33
✓ Como produzir um bom texto	34
• Conceitos sobre textualidade	38
✓ O que é textualidade?	38
✓ Fatores pragmáticos da textualidade	38
• Redações técnicas	38

✓ Características de uma redação técnica	39
✓ Tipos de redação técnica	40
✓ Estrutura de uma redação técnica	40
• Relatórios	41
✓ Tipos de relatório	41
✓ Estrutura textual de um relatório	42
A LEITURA	43
• A evolução da leitura	43
✓ Leitura no Brasil	44
• A importância da leitura	45
✓ Benefícios da leitura	48
• O trabalho da crítica do pensamento	48
SESSÕES ESPECIAIS	52
MAPA DE ESTUDO	52
SÍNTESE DIRETA	53
MOMENTO QUIZ	55
GABARITO DO QUIZ	56
REFERÊNCIAS	56

MÓDULO I

**COMUNICAÇÃO
ORAL
E ESCRITA**

Abertura

SOBRE A INSTITUIÇÃO

Educação Tecnológica, Inteligente e Eficiente

O Instituto de Ensino Profissionalizante e Técnico (INEPROTEC) é uma instituição de ensino que valoriza o poder da educação e seu potencial de transformação.

Nascemos da missão de levar educação de qualidade para realmente impactar a vida dos nossos alunos. Acreditamos muito que a educação é a chave para a mudança.

Nosso propósito parte do princípio de que a educação transforma vidas. Por isso, nossa base é a inovação que, aliada à educação, resulta na formação de alunos de grande expressividade e impacto para a sociedade. Aqui no INEPROTEC, o casamento entre tecnologia, didática e interatividade é realmente levado a sério e todos os dias otimizado para constante e contínua evolução.

Missão

A nossa missão é ser símbolo de qualidade, ser referência na área educacional presencial e a distância, oferecendo e proporcionando o acesso e permanência a cursos técnicos, desenvolvendo e potencializando o talento dos estudantes, tornando-os, assim, profissionais de sucesso e cidadãos responsáveis e capazes de atuar como agentes de mudança na sociedade.

Visão

O INEPROTEC visa ser um instituto de ensino profissionalizante e técnico com reconhecimento nacional, comprometido com a qualidade e excelência de seus cursos, traçando pontes para oportunidades de sucesso, tornando-se, assim, objeto de desejo para os estudantes.

Valores

Ciente das qualificações exigidas pelo mercado de trabalho, o INEPROTEC tem uma visão que prioriza a valorização de cursos essenciais e pouco ofertados para profissionais que buscam sempre a atualização e especialização em sua área de atuação.

SOBRE O CURSO

O curso TÉCNICO EM ELETROTÉCNICA pertence ao Eixo Tecnológico de CONTROLE E PROCESSOS INDUSTRIAIS. Vejamos algumas informações importantes sobre o curso TÉCNICO EM ELETROTÉCNICA relacionadas ao **perfil profissional de**

conclusão e suas habilidades, quesitos fundamentais para atuação, campo de atuação e, também, algumas sugestões interessantes para continuação dos estudos optando por **Especializações Técnicas e/ou Cursos de Graduação**.

Perfil profissional de conclusão e suas habilidades

- Planejar, controlar e executar a instalação e a manutenção de sistemas e instalações elétricas industriais, prediais e residenciais, considerando as normas, os padrões e os requisitos técnicos de qualidade, saúde e segurança e de meio ambiente.
- Elaborar e desenvolver projetos de instalações elétricas industriais, prediais e residenciais, sistemas de acionamentos elétricos e de automação industrial e de infraestrutura para sistemas de telecomunicações em edificações.
- Aplicar medidas para o uso eficiente da energia elétrica e de fontes energéticas alternativas.
- Elaborar e desenvolver programação e parametrização de sistemas de acionamentos eletrônicos industriais.
- Planejar e executar instalação e manutenção de sistemas de aterramento e de descargas atmosféricas em edificações residenciais, comerciais e industriais.
- Reconhecer tecnologias inovadoras presentes no segmento visando a atender às transformações digitais na sociedade.

Quesitos fundamentais para atuação

- Conhecimentos e saberes relacionados aos processos de planejamento e implementação de sistemas elétricos de modo a assegurar a saúde e a segurança dos trabalhadores e dos usuários.
- Conhecimentos e saberes relacionados à sustentabilidade do processo produtivo, às técnicas e aos processos de produção, às normas técnicas, à liderança de equipes, à solução de problemas técnicos e trabalhistas e à gestão de conflitos.

Campo de atuação

- Empresas de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, que atuam na instalação, manutenção, comercialização e utilização de equipamentos e sistemas elétricos.
- Grupos de pesquisa que desenvolvam projetos na área de sistemas elétricos.
- Laboratórios de controle de qualidade, calibração e manutenção.
- Indústrias de fabricação de máquinas, componentes e equipamentos elétricos.

- Concessionárias e prestadores de serviços de telecomunicações.

Sugestões para Especialização Técnica

- Especialização Técnica em Automação Predial (Domótica).
- Especialização Técnica em Redes Industriais.
- Especialização Técnica em Acionamentos de Servomotores Industriais.
- Especialização Técnica em Eficiência Energética em Edificações.
- Especialização Técnica em Eficiência Energética Industrial.
- Especialização Técnica em Energia Solar Fotovoltaica.
- Especialização Técnica em Implantação e Comissionamento de Parques Eólicos.
- Especialização Técnica em Biocombustíveis.
- Especialização Técnica em Biogás e Biometano.
- Especialização Técnica em Aproveitamento Energético de Biogás.

Sugestões para Cursos de Graduação

- Curso Superior de Tecnologia em Automação Industrial.
- Curso Superior de Tecnologia em Eletrônica Industrial.
- Curso Superior de Tecnologia em Eletrotécnica Industrial.
- Curso Superior de Tecnologia em Manutenção Industrial.
- Curso Superior de Tecnologia em Mecatrônica Industrial.
- Curso Superior de Tecnologia em Sistemas Elétricos.
- Bacharelado em Engenharia Eletrônica.
- Bacharelado em Engenharia Elétrica.
- Bacharelado em Engenharia de Automação e Controle.
- Bacharelado em Engenharia de Telecomunicações.
- Bacharelado em Engenharia Mecatrônica.
- Bacharelado em Engenharia de Computação.

SOBRE O MATERIAL

Os nossos materiais de estudos são elaborados pensando no perfil de nossos cursistas, contendo uma estruturação simples e clara, possibilitando uma leitura dinâmica e com volume de informações e conteúdos considerados básicos, mas fundamentais e essenciais para o desenvolvimento de cada disciplina. Lembrando que nossas apostilas não são os únicos meios de estudo.

Elas, juntamente com as videoaulas e outras mídias complementares, compõem os vários recursos midiáticos que são disponibilizados por nossa Instituição, a fim de proporcionar subsídios suficientes a todos no processo de ensino-aprendizagem durante o curso.

Divisão do Conteúdo

Este material está estruturado em três partes:

- 1) ABERTURA.
- 2) BASE TEÓRICA.
- 3) SESSÕES ESPECIAIS.

Parte 1 - ABERTURA

- Sobre a Instituição.
- Sobre o Curso.
- Sobre o Material.

Parte 2 – BASE TEÓRICA

- Conceitos.
- Observações.
- Exemplos.

Parte 3 – SESSÕES ESPECIAIS

- Mapa de Estudo.
- Síntese Direta.
- Momento Quiz.

Boxes

Além dessas três partes, no desenvolvimento da BASE TEÓRICA, temos alguns BOXES interessantes, com intuito de tornar a leitura mais agradável, mesclando um estudo mais profundo e teórico com pausas pontuais atrativas, deixando a leitura do todo “mais leve” e interativa.

Os BOXES são:

- VOCÊ SABIA



São informações complementares contextualizadas com a base teórica, contendo curiosidades que despertam a imaginação e incentivam a pesquisa.

- PAUSA PARA REFLETIR...



Um momento especial para descansar a mente do estudo teórico, conduzindo o cursista a levar seus pensamentos para uma frase, mensagem ou indagação subjetiva que leve a uma reflexão pessoal e motivacional para o seu cotidiano.

- SE LIGA NA CHARADA!



Se trata de um momento descontraído da leitura, com a apresentação de enigmas e indagações divertidas que favorecem não só a interação, mas também o pensamento e raciocínio lógico, podendo ser visto como um desafio para o leitor.

Base Teórica

INTRODUÇÃO

A **palavra é a principal ferramenta da comunicação**. Ao apresentar um projeto, expor um argumento e falar para convencer, é preciso manejá-la com eficácia para que a comunicação se estabeleça e os objetivos sejam alcançados.

A comunicação é uma das principais competências necessárias a todo o ser humano, principalmente no mundo em que se vive, numa época de constantes mudanças, em que as empresas dão cada vez mais valor a isso. É uma competência fundamental para o profissional que quer obter sucesso no mercado de trabalho.

Ademais, as novas tendências de mercado, e os avanços tecnológicos aumentaram a importância do domínio da comunicação no ambiente de trabalho, seja ela escrita ou oral. Hoje o mercado está cada vez mais exigente. Assim, o profissional precisa sempre aprimorar a boa comunicação, fazendo cursos específicos, como: falar em público, cursos de língua portuguesa e etc. Comunicar bem é também ver, ouvir e sentir, uma vez que a mensagem transmitida pode informar, ensinar, educar, motivar ou desmotivar e etc.

No ambiente de trabalho, um bom relacionamento interpessoal, uma boa comunicação são essenciais em diversos momentos: na hora de enviar comunicados por e-mail ou transmitir de forma oral, repassar tarefas que os colaboradores devem desenvolver, assim como dar treinamentos específicos na área, sendo de suma importância que os profissionais estejam atentos para que transmitam as mensagens de forma clara, objetiva e simples, pois utiliza palavras que ninguém conhece demonstra superioridade. Além disso, é preciso tomar cuidado com a escrita, deve-se sempre ser cordial e evitar ambiguidade de sentidos.

A consequência de uma falha na comunicação pode acarretar conflitos e desentendimentos no ambiente de trabalho, trazer abalos à equipe, impactando no desempenho e na produtividade dos profissionais, além de interferir diretamente no negócio da empresa, resultados e, por fim, no próprio lucro dela.

A **produção de textos** é o ato de descrever as ideias por meio das palavras. Saber produzir um bom texto pode ser um pré-requisito para conseguir um emprego, uma vaga na faculdade, dentre outros.

Pessoas que escrevem bons textos conseguem se expressar melhor. A leitura, intimamente ligada à escrita, é ato essencial para se produzir um bom texto. Enquanto lemos, estamos ampliando nosso vocabulário e, conseqüentemente, nosso universo interpretativo.

Ou seja, com o ato da leitura estamos aumentando nossa capacidade de entender melhor tudo que nos rodeia.

Assim, é muito importante saber escrever bons textos, e sobretudo, ter o hábito da leitura. Antes de mais nada, para produzir um bom texto é muito importante conhecer os diversos tipos de textos existentes, para que ele possa ser coerente com a proposta.

Os principais tipos de textos são:

- **Dissertação:** texto argumentativo e opinativo, como artigos, resenhas, ensaios, monografias, etc.
- **Narração:** narrar fatos, acontecimentos ou ações de personagens num determinado tempo e espaço. Alguns tipos de textos narrativos são as crônicas, novelas, romances, lendas, etc.
- **Descrição:** descrever objetos, pessoas, animais, lugares ou acontecimentos, como diários, relatos, biografias, currículos, etc.

A COMUNICAÇÃO

Atualmente, falar bem se tornou uma necessidade primordial para profissionais das mais diversas áreas. Estamos constantemente expostos a diferentes situações para falar em público. Uma boa apresentação pessoal é, sem dúvida, um diferencial que pode atrair grandes oportunidades. A comunicação tem valor tanto pelo conteúdo quanto pela forma, pois é resultado do que se diz e de como se diz.

Quem domina corretamente as palavras têm mais chances de crescer profissionalmente e merece o reconhecimento de todos à sua volta. E, porque não é fácil dominar todas as regras gramaticais e da comunicação, a Língua Portuguesa preocupa e, muitas vezes, assusta tanta gente.

Conceitos e processos da comunicação

A palavra comunicar é originária do latim e se pronuncia *communicare*. Tem por significado “tornar comum”. A todo tempo, as pessoas estão comunicando algo, seja na atitude, no comportamento, na personalidade, nos hábitos, tudo é comunicação. Em todo comportamento há uma mensagem que deve ser compreendida, gerando ações através da linguagem.

Comunicar implica fazer-se entender, provocar reações no interlocutor. Para que ocorra a comunicação, tem que haver um EMISSOR e um RECEPTOR.

- ✓ **Emissor:** quem envia a mensagem; responsável pelo início do processo comunicativo.

✓ **Receptor:** quem recebe, quem decifra; o alvo da comunicação.

Os processos de comunicação

Sempre que nos comunicamos com alguém, temos um objetivo, uma finalidade, e para atingi-la fazemos uso de códigos que, naquele dado momento, representam o que pensamos, desejamos e sentimos. Independentemente do meio que se utiliza, seja por telefone, e-mail, redes sociais, escrita, gestos etc., toda comunicação tem o objetivo de transmitir uma mensagem e para isso pressupõe a interação de seis fatores específicos.

Esses fatores são:

- 1) **Emissor ou destinador:** aquele que envia, emite a mensagem, seja pela palavra oral ou escrita, gestos, expressões, desenhos etc. Pode ser um indivíduo apenas ou um grupo, uma empresa, uma instituição ou uma organização informativa (rádio, TV);
- 2) **Receptor ou destinatário:** quem recebe a mensagem (lê, ouve, vê), quem a decodifica. Também pode ser uma pessoa apenas ou um grupo;
- 3) **Mensagem:** o conteúdo das informações transmitidas, daquilo que é comunicado. Pode ser virtual, auditiva, visual e audiovisual;
- 4) **Código:** o código é um conjunto de sinais estruturados que pode ser verbal ou não verbal. Trata-se da maneira pela qual a mensagem se organiza;
- 5) **Referente:** é o contexto no qual se encontram o emissor e o receptor da mensagem;
- 6) **Canal:** é o meio utilizado para a transmissão da mensagem. O canal deve ser escolhido cuidadosamente para garantir a eficiência e o sucesso da comunicação. O canal pode ser uma revista, jornal, livro, rádio, internet, telefone, TV etc.

Tipos de comunicação

Comunicação unilateral

A comunicação unilateral é estabelecida de um emissor para um receptor, sem reciprocidade. Exemplos: um professor durante uma aula expositiva, um aparelho de televisão e um cartaz numa parede difundem mensagens sem receber resposta.

Comunicação bilateral

Já a comunicação bilateral se estabelece quando o emissor e o receptor alternam seus papéis. É o que acontece durante uma conversa, um bate-papo, em que há intercâmbio de mensagens.

OBSERVAÇÕES:

O objetivo da comunicação eficaz é o entendimento.

Níveis de linguagem

A língua é um código de que se serve o homem para elaborar mensagens, para se comunicar. Existem basicamente duas modalidades de língua, ou seja, duas línguas funcionais.

São elas:

- Língua funcional de modalidade culta.
- Língua funcional de modalidade popular.

Língua funcional de modalidade culta

A língua funcional de modalidade culta, língua culta ou língua-padrão, que compreende a língua literária, tem por base a norma culta, forma linguística utilizada pelo segmento mais culto e influente de uma sociedade. Constitui, em suma, a língua utilizada pelos veículos de comunicação de massa (emissoras de rádio e televisão, jornais, revistas, painéis, anúncios, etc.), cuja função é a de serem aliados da escola, prestando serviço à sociedade, colaborando na educação, e não justamente o contrário.

Língua funcional de modalidade popular

A língua funcional de modalidade popular é conhecida como a língua cotidiana, que apresenta gradações das mais diversas, tem o seu limite na gíria e no calão.

A linguagem funciona enquanto um sistema ordenado de sinais que nos permite comunicar com outras pessoas nossas próprias experiências. Comumente, ao tratarmos da linguagem, pensamos na linguagem verbal ou textual, fazendo referência à capacidade que temos de expressar pensamentos e ideias, opiniões, sentimentos e até mesmo sensações, por meio das palavras.

Entretanto, existem inúmeras outras formas de linguagem, tais como a pintura, a matemática, a música ou a dança. Deste modo, seja por meio da linguagem verbal ou não-verbal, o indivíduo pode representar o mundo e exprimir seu pensamento.

Linguagem verbal e linguagem não-verbal

Tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal fazem uso de signos para expressar sentidos. Nesse caso, a linguagem verbal expressa signos formados por meio de palavras, utilizadas tanto na forma escrita quanto na forma oral. Já na linguagem não verbal, exploram-se também outros tipos de signos, tais como formas, figuras, cores, gestos, etc.

Linguagem verbal

A linguagem verbal se propõe linear, ou seja, que seus sons e signos sucedem-se de modo linear (um após o outro) no tempo da fala e no espaço da linha escrita.

Linguagem não verbal

Já na linguagem não verbal, vários signos podem ocorrer ao mesmo tempo. As cores de um semáforo, o cartão vermelho de um juiz, as placas de trânsito e as figuras na porta de um banheiro são exemplos de linguagem não verbal.

Diferenças entre o registro oral e escrito

A língua escrita, estática, mais elaborada e menos econômica, não dispõe dos recursos próprios da língua falada.

A acentuação (relevo de sílaba ou sílabas), a entoação (melodia da frase), as pausas (intervalos significativos no decorrer do discurso), além da possibilidade de gestos, olhares, piscadas, etc., fazem da língua falada a modalidade mais expressiva, mais criativa, mais espontânea e natural, estando, por isso mesmo, mais sujeita a transformações e a evoluções.

Nenhuma, porém, se sobrepõe a outra em importância. Nas escolas principalmente, costuma-se ensinar a língua falada com base na língua escrita, considerada superior. Decorrem daí as correções, as retificações, as emendas, a que os professores sempre estão atentos.

Ao professor cabe ensinar as duas modalidades, mostrando as características e as vantagens de uma e outra, sem deixar transparecer nenhum caráter de superioridade ou inferioridade, que em verdade inexistem.

Isso não implica dizer que se deve admitir tudo na língua falada. A nenhum povo interessa a multiplicação de línguas. A nenhuma nação convém o surgimento de dialetos, consequência natural do enorme distanciamento entre uma modalidade e outra.

A língua escrita é, foi e sempre será mais bem elaborada que a língua falada, porque é a modalidade que mantém a unidade linguística de um povo, além de ser a que faz o pensamento atravessar o espaço e o tempo. Nenhuma reflexão, nenhuma análise mais

detida será possível sem a língua escrita, cujas transformações, por isso mesmo, se processam lentamente e em número consideravelmente menor, quando cotejada com a modalidade falada.

OBSERVAÇÕES:

É muito importante perceber que o nível da linguagem, a norma linguística, deve variar de acordo com a situação em que se desenvolve o discurso.

Portanto, existem, vários níveis de linguagem e, entre esses níveis, se destacam em importância o culto e o cotidiano, a que já fizemos referência.

As funções da linguagem

Cada um dos fatores do processo de comunicação dá origem a uma função linguística específica. O pensador russo Roman Jakobson, em sua obra *Linguistics and poetics* (1960), distinguiu seis funções da linguagem verbal e a estrutura verbal de uma mensagem depende da função que nela é predominante.

As seis funções da linguagem são as seguintes:

- 1) Função referencial ou denotativa.
- 2) Função expressiva ou emotiva.
- 3) Função apelativa ou conativa.
- 4) Função fática (de contato).
- 5) Função metalinguística.
- 6) Função poética.

Função referencial ou denotativa

Esta função transmite uma informação objetiva sobre a realidade, é orientada para o referente, apontando o sentido real dos seres, coisas e fatos. A linguagem é objetiva e direta, apenas informa, transmitindo impessoalidade. Encontramos esta linguagem nas notícias de jornais e textos técnicos, científicos e didáticos.

Função expressiva ou emotiva

Esta função é centrada no emissor, refletindo seu estado de ânimo, sentimentos e emoções. A função expressiva/emotiva é encontrada em poemas ou narrativas românticas, cartas de amor e biografias.

Função apelativa ou conativa

A função apelativa ou conativa é centrada no receptor e tem por objetivo influenciá-lo, persuadi-lo, convencê-lo de algo ou dar ordens. É a função encontrada nos anúncios publicitários e discursos políticos.

Função fática (de contato)

Esta função centra-se no canal e estabelece uma relação (contato) com o emissor, para verificar a eficiência do canal ou prolongar uma conversa. Encontramos esta função em saudações, conversas telefônicas e cumprimentos do dia a dia.

Função metalinguística

A função metalinguística é centralizada no código e ocorre quando o emissor explica o código usando o próprio código. O dicionário é um exemplo desta função, pois se trata da palavra explicando ela própria.

Função poética

A função poética é centralizada na mensagem e caracteriza-se pelo uso de linguagem figurada, metáforas e outras figuras de linguagem, sonoridade etc. Esta função está presente nas músicas, poemas e algumas obras literárias.

Linguagem coloquial e culta

A linguagem também deve ser adequada ao contexto da comunicação e, neste sentido, temos a linguagem coloquial e a culta. Você pode perceber que não se comunica com o seu professor do mesmo jeito que com a sua mãe, um amigo ou outra pessoa, não é mesmo? Isto ocorre justamente porque tudo depende da circunstância em que se está inserido.

O **padrão coloquial** da língua é usado para a comunicação mais informal, sendo mais livre das normas gramaticais. Normalmente é usado com amigos, familiares e outras pessoas mais próximas.

Já o **padrão culto** da língua manifesta-se pelo uso das normas gramaticais e em situações que exigem mais formalidade. Geralmente, é usado em uma reunião de trabalho ou com uma autoridade em geral. Sendo assim, é importante levar em consideração o contexto, o assunto a ser tratado, o meio pelo qual a mensagem será transmitida e o nível social e cultural do destinatário.

Não basta, no entanto, que o código seja comum para que se realize uma comunicação perfeita; por exemplo, dois brasileiros não possuem necessariamente a mesma riqueza de vocabulário, nem o mesmo domínio sintaxe.

Finalmente, deve ser observado que certos tipos de comunicação podem recorrer simultaneamente à utilização de vários canais de comunicação e de vários códigos (exemplo: o cinema).

O referente é constituído pelo contexto, pela situação e pelos objetos reais aos quais a mensagem remete. Há dois tipos de referentes.

São eles:

- ✓ **Referente situacional:** constituído pelos elementos da situação do emissor e do receptor e pelas circunstâncias de transmissão da mensagem. Assim é que quando uma professora dá a seguinte ordem a seus alunos: “coloquem o lápis sobre a carteira”, sua mensagem remete a uma situação espacial, temporal e a objetos reais.
- ✓ **Referente textual:** constituído pelos elementos do contexto linguístico. Assim, num romance, todos os referentes são textuais, pois o destinador (o romancista) não faz alusão, salvo exceções, a sua situação no momento da produção (da escrita) do romance, nem a do destinatário (seu futuro leitor). Os elementos de sua mensagem remetem a outros elementos do romance, definidos no seu próprio interior.

Da mesma forma, comentando sobre nossas recentes férias na praia, num bate-papo com os amigos, não remetemos, com a palavra “praia” ou com a palavra “areia”, as realidades presentes no momento da comunicação.

Leitura, compreensão e interpretação de textos

A importância da leitura, compreensão e interpretação de textos

A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, ajuda a fixar a grafia correta das palavras.

Segundo o Ministério da Educação (MEC) e outros órgãos ligados à Educação, a leitura:

- ✓ Desenvolve o repertório;
- ✓ Liga o senso crítico na tomada;
- ✓ Amplia o nosso conhecimento geral;
- ✓ Aumenta o vocabulário;
- ✓ Estimula a criatividade.

A interpretação textual permite a compreensão de todo e qualquer texto ou discurso e se amplia no entendimento da sua essência e ideia principal. Trata-se de uma competência imprescindível no mercado de trabalho e nos estudos.

Para que a interpretação ocorra de forma satisfatória é necessário que esteja atrelada a outros elementos como:

- ✓ Praticar a leitura com regularidade que proporciona o enriquecimento do vocabulário;
- ✓ Dominar as estruturas linguísticas;
- ✓ Compreender relações semânticas.

Compreensão e Interpretação de textos

A literatura é a arte de recriar através da língua escrita. Sendo assim, há vários tipos de gêneros textuais, formas de escrita; mas a grande dificuldade encontrada pelas pessoas é a *interpretação de textos*. Muitos dizem que não sabem interpretar, ou que é muito difícil. Se o indivíduo tem pouca leitura, conseqüentemente terá pouca argumentação, pouca visão, pouco ponto de vista e um grande medo de interpretar.

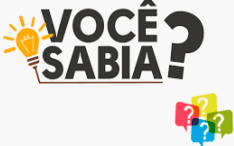

A interpretação é o alargamento dos horizontes. E esse alargamento acontece justamente quando há leitura. As pessoas são fragmentos de seus escritos, de seus pensamentos, de suas histórias, muitas vezes contadas por outros. Quantas vezes alguém leu algo e pensou: “Nossa, ele disse tudo que eu penso.” Com certeza, várias vezes. Isso é a identificação do pensamento do leitor com o do autor, mas para que isso aconteça, não se pode ter preguiça de pensar, refletir, formar ideias e escrever quando puder e quiser.

Algumas dicas para realizar uma boa interpretação:

- ✓ Qual a intenção do autor?
- ✓ Leia todo o texto uma primeira vez de forma despreocupada.
- ✓ Não tenha medo de opinar.
- ✓ Observe a linguagem, o tempo e o espaço.

A interpretação abarca peculiaridades como elementos gramaticais, pontuação, preposições, conjunções entre outras que devem estar corretamente dispostas em um texto, um outro ponto que contribui para que a interpretação transcorra de forma concisa são os elementos que compõem o texto como coesão, coerência e estrutura semântica bem definida, para que o leitor possa interagir plenamente com as ideias expostas pelo conteúdo em questão.

Por isso a interpretação favorece a compreensão profissional e acadêmica, ofertando um maior entendimento e assimilação de conteúdo e ideias.

	<p>VOCÊ SABIA?</p> <p><i>O hábito de ler</i></p> <p>O hábito da leitura auxilia automaticamente a maneira de interpretar. A interpretação de texto permite que as pessoas possam estender o domínio sobre a linguagem escrita e falada e se tornem cada vez mais eficientes dentro das informações a serem transmitidas e compreendidas.</p>
	<p>SE LIGA NA CHARADA!</p> <p><u>PERGUNTA:</u></p> <p>Qual o animal que não custa caro?</p> <p><u>RESPOSTA:</u></p> <p>A barata.</p>

A GRAMÁTICA

Gramática é o conjunto de regras que indicam o uso mais correto de uma língua.

No início, a gramática tinha como função apenas estabelecer regras quanto à escrita e à leitura. É por isso que a palavra gramática, de origem grega (*grámma*), significa “letra”.

Tipos de gramática

Há quatro tipos de gramáticas. São elas:

- 1) Gramática normativa.
- 2) Gramática descritiva.
- 3) Gramática histórica.
- 4) Gramática comparativa.

Gramática normativa

A gramática normativa é aquela que prescreve as regras, normas gramaticais de uma língua. Toma como base as regras gramaticais tradicionais e o uso da língua por dialetos de prestígio como obras literárias consagradas, textos científicos, discursos formais, etc. As variedades linguísticas faladas são tratadas como desvio da norma até que sejam dicionarizadas e oficialmente acrescentadas às regras gramaticais daquela língua.

Essa gramática é sinônimo de norma culta. Ela estabelece os usos certos e errados em oposição ao uso popular. Isso porque, apesar de ser compreensível, no cotidiano, há sérias transgressões ao modelo estabelecido. Essa é a gramática oficial e, portanto, é ensinada nas escolas.

Gramática descritiva

A gramática descritiva analisa a língua, no que respeita ao seu uso oral, num período específico do tempo, ou seja, é sincrônica.

Gramática histórica

A gramática histórica trata justamente da história da língua ao longo do tempo, desde a sua origem às transformações, ou seja, é diacrônica.

Gramática comparativa

A gramática comparativa estuda a gramática fazendo uma comparação com as gramáticas pertencentes às mesmas famílias linguísticas.

Divisões da gramática

A gramática da língua portuguesa é dividida em:

- Fonologia.
- Morfologia.
- Sintaxe.

OBSERVAÇÕES:

Nessa divisão da gramática, há alguns teóricos que além da fonologia, morfologia e sintaxe, eles também incluem a semântica.

Fonologia

A fonologia estuda o comportamento e a organização dos sons da fala. É dividida em:

- **Ortoépia:** estuda a forma como as palavras devem ser pronunciadas;
- **Prosódia:** estuda a forma como as palavras devem receber acento tônico, bem como acento gráfico;
- **Ortografia:** estuda como as palavras devem ser escritas.



Figura 1: Fonologia.

Morfologia

A morfologia estuda as palavras isoladamente, bem como a sua estrutura e formação. É nessa parte da gramática que conhecemos as 10 classes gramaticais: substantivo, verbo, adjetivo, pronome, artigo, numeral, preposição, conjunção, interjeição e advérbio.



Figura 2: Morfologia.

Ortografia

Acordos ortográficos anteriores

As diferenças na grafia da língua utilizada por Brasil e Portugal começaram em 1911, quando o país lusitano passou pela primeira reforma ortográfica. A reformulação não foi extensiva ao Brasil.

As primeiras tentativas para minimizar a questão ocorreram em 1931. Nesse momento, representantes da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa passaram a discutir a unificação dos dois sistemas ortográficos. Isso só ocorreu em 1943, mas sem sucesso.

Representantes dos dois países voltaram a discutir o assunto novamente em 1943, quando ocorreu a Convenção Ortográfica Luso-brasileira. Tal como o primeiro, este também não surtiu o efeito desejado e somente Portugal aderiu às novas regras.

Uma nova tentativa reuniu novamente os representantes. Desta vez, em 1975, quando Portugal não aceitou a imposição de novas regras ortográficas. Somente em 1986, estudiosos dos dois países voltaram a tocar na reforma ortográfica tendo, pela primeira vez, representantes de outros países da comunidade de língua portuguesa.

Na ocasião, foi identificado que entre as principais justificativas para o fracasso das tratativas anteriores estava a drástica simplificação do idioma. A crítica principal estava na supressão dos acentos diferenciais nas palavras proparoxítonas e paroxítonas, ação rejeitada pela comunidade portuguesa.

Já os brasileiros discordaram da restauração de consoantes mudas, abolidas há tempo. Outro ponto rejeitado pela opinião pública brasileira estava na acentuação de vogais tônicas "e" e "o" quando seguidas das consoantes nasais "m" e "n". Essa regra era válida para as palavras proparoxítonas com acento agudo e não o circunflexo.

Seriam assim no caso de Antônio (António), cômodo (cómodo) e gênero (género). Assim, além da grafia, os estudiosos passaram a considerar também a pronúncia das palavras.

Considerando as especificidades dos países signatários do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, foi acordada a unificação em 98% dos vocábulos.




Figura 3: Países lusófonos no mundo.

Novo acordo ortográfico da língua portuguesa

O atual Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa foi aprovado em definitivo no dia 12 de outubro de 1990 e assinado em 16 de dezembro do mesmo ano.

O documento foi firmado pela Academia de Ciências de Lisboa, a Academia Brasileira de Letras e representantes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Também houve adesão da delegação de observadores da Galiza. Isso porque na Galiza, região localizada no norte da Espanha, a língua falada é o galego, a língua-mãe do português.

	<p>VOCÊ SABIA?</p> <p><i>Assinatura do novo acordo ortográfico</i></p> <p>O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa foi assinado em 1990, em Lisboa, e segundo novo decreto assinado pelo presidente Lula, passa a ser instituído em 2009, no Brasil. O novo acordo atinge 0,5 % da escrita brasileira, e 1,6 % das palavras usadas na Língua Portuguesa de Portugal, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Timor Leste.</p>
---	---

Algumas das principais mudanças

As Consoantes C, P, B, G, M e T ficam consideradas neste caso as especificidades da pronúncia conforme o espaço geográfico. Ou seja, a grafia é mantida quando há pronúncia é retirada quando não são pronunciadas.

A manutenção de consoantes não pronunciadas ocorria, principalmente, pelos falantes de Portugal, que o Brasil há muito havia adaptado a grafia. Também houve casos da manutenção da dupla grafia, também respeitando a pronúncia. Ficou decidido que nesses casos, os dicionários da língua portuguesa passarão a registrar as duas formas em todos os casos de dupla grafia. O fato será esclarecido para apontar as diferenças geográficas que impõem a oscilação da pronúncia.

✓ **Acentuação Gráfica**

Os acentos gráficos deixam de existir em determinadas palavras oxítonas e paroxítonas.

EXEMPLOS:

- a) *Para* – na flexão de parar.
- b) *Pelo* – substantivo.
- c) *Pera* – substantivo.

✓ Emprego do Hífen

É empregado o hífen nos casos de palavras em que a segunda formação se inicia com a letra "h". O mesmo vale quando a primeira formação começa com letra igual àquela que finaliza o prefixo.

EXEMPLO:

Anti-higiênico, contra-almirante, micro-ondas, hiper-resistente.

✓ Uso do Trema

O uso do trema (¨) foi abolido.

EXEMPLO:

Lingüiça – linguíça.

✓ O Alfabeto

O alfabeto da língua portuguesa passa a contar com **26 letras**, nas suas formas maiúsculas e minúsculas. Incorpora-se às letras K, Y e W. Fica, assim, então, o alfabeto:

A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.

✓ Concordâncias

Concordância Nominal é a relação que se estabelece entre o substantivo e as palavras a ele vinculadas (artigo, adjetivo, pronome, numeral). As principais palavras que geram dúvidas são: anexo, incluso, leso, quite, bastante, meio, junto, mesmo/próprio, exceto, menos, pseudo, alerta.

Concordância verbal possui graus de dificuldade e, por isso, a organização vai sendo formada por etapas. A regra é o verbo concordar em número e pessoa com o núcleo do sujeito. O núcleo do sujeito tem uma característica: nunca vem preposicionado. Além disso, entre o sujeito e o verbo não se usam vírgula para separá-los. Tais características contribuirão para entender algumas construções importantes.

Principais falhas de concordância verbal:

- ✓ Verbo distante do núcleo do sujeito;
- ✓ Verbo antes do sujeito;
- ✓ Termo entre o sujeito e o verbo, distanciando-os;

- ✓ Núcleo do sujeito no singular, mas formado com dois ou mais adjuntos;
- ✓ Contexto pluralizado ao redor do verbo, mas núcleo do sujeito no singular;
- ✓ Contexto singularizado ao redor do verbo, mas núcleo do sujeito no plural;
- ✓ Verbo haver impessoal, formando oração sem sujeito;
- ✓ Verbo fazer impessoal, formando oração sem sujeito;
- ✓ Voz passiva sintética;
- ✓ Sujeito indeterminado;
- ✓ Verbos que trazem o problema na acentuação: apaziguar, arguir, averiguar, ter (derivados), ver (e derivados) e vir (e derivados);
- ✓ Locução verbal.



SE LIGA NA CHARADA!

PERGUNTA:

Qual o animal que já não vale mais nada?

RESPOSTA:

O javali.

A ESCRITA

Conceitos sobre texto

O que é um texto?

Geralmente, pessoas que não possuem o hábito da leitura como atividade social, julga, deduz, pondera, imagina ou pensa que um texto, é um conjunto de palavras escritas em papel, para serem lidas, recitadas, encenadas, etc.

No entanto, a esse conjunto de palavras, o homem dá um sentido mais amplo, mais abrangente, de maior dimensão. O homem, em sua necessidade inerente de interagir com o outro e com a sociedade, inventou diversas formas de transmitir mensagens tendo em vista melhorar seu entendimento. Nós nos comunicamos através de símbolos (aquilo que sugere ou substitui algo) convencionados, cores, sons, gestos, expressões fisionômicas, cartazes, filmes, e, também, códigos de linguagem escrita. E tudo isso é texto.

Textum, vem do latim, que significa “teia”. Logo, escrever é tecer uma rede onde fios se solidarizam, de forma que cada um deles torne-se um elo indispensável, entrelaçando-se em sequência formando simplificada e um conjunto de ideias imbuídas de significado,

transmitidas de alguém para alguém e que não se restringe à linguagem escrita. É todo tipo de comunicação.

É um tecido, numa teia bem trançada, nela, o leitor fica agradavelmente preso, pois uma ideia pede outra, uma ação leva à outra, e todos os parágrafos ou versos enroscam-se numa relação de dependência, como fios de um pano. Ao chegarmos a determinado lugar ou local, e avistarmos uma placa com o desenho de um cigarro e uma tarja vermelha, entendemos, imediatamente, a mensagem sugerida pela figura. Essa figura padrão constitui um exemplo de texto não verbal. Mas há outros, a vida é riquíssima deles. Estão em grandes quantidades e sob os olhares das pessoas. São vistos nas placas de trânsito, em gestos convencionados que fazemos com as mãos. Sendo assim, um texto não é necessariamente a palavra escrita e juntada umas às outras; mais especificamente “texto não é um aglomerado de frases”.

Por isso, não basta um aglomerado de letras, juntar palavras ao acaso, juntar frases feitas para termos um texto pronto. É preciso haver uma lógica interna, garantida por dois mecanismos que são a pedra no sapato de muita gente: coesão e coerência, as quais serão vistas mais adiante.

No sentido mais abrangente, a definição de texto ou, produção textual é mais bem compreendida como um fenômeno de produção da linguagem sistemática de comunicar ideias ou sentimento através dos signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais, etc. e, caracteriza-se por aquilo que designa a palavra texto como um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno, que concretiza-se numa cadeia sintagmática de extensão muito variável, podendo ser um enunciado único tanto quanto um segmento de grandes proporções.

Portanto, texto ou discurso evidencia-se como linguagem em uso através de uma frase, um diálogo, um provérbio, um verso, uma estrofe, um poema, um romance e outros que, quando limitados às fronteiras da linguagem verbal, escrita, imagética, musical, teatral, e muitas outras, o texto ou discurso, é um processo que engloba as relações sintagmáticas de qualquer sistema de signo, produzindo a ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal que tem um papel determinante na produção e recepção da linguagem.

O texto possui como papel determinante em sua produção e recepção uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilita seu reconhecimento como um emprego normal do uso da língua como atividade social. Logo,

são considerados elementos fundamentais do processo peculiar de atos comunicativos: as intenções do produtor; o jogo de imagens que cada um dos interlocutores fazem de si, do outro, e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso; o espaço da perceptibilidade visual e acústica comum, a comunicação face a face, podendo ser pertinente numa situação e não ser em outra.

Desse modo, é pertinente o contexto sociocultural em que se insere o discurso tanto na sua produção como em sua recepção, pois à medida que este é inserido, delimita o conhecimento partilhado pelos interlocutores, inclusive quando as regras sociais interativas de comunicação como (variações de registro; tom de voz, postura, etiqueta sociocomunicativa) são elementos constituinte de seu sentido.

Vale ressaltar que contexto é a relação entre o texto e a situação em que ele ocorre, ou seja, é o conjunto de circunstâncias em que a mensagem é produzida em determinado tempo e lugar de forma a permitir sua compreensão, ou, pela cultura do emissor e receptor, etc.

Vê-se então, que o texto ou discurso, de um lado, é um sistema de linguagem hierarquizado de configurações estruturadas internas; de outro, como um objeto aberto, plural, dialogante, ligado ao contexto verbal e extraverbal em que se deduz seu significado global emergente das relações fonológicas, morfológicas, sintáticas semânticas e pragmáticas que estão na base do complexo sistema que é a linguagem em uso, na qual texto ou discurso é tomado como sinonímia, pois, se pode empregar um termo ou outro. Pode-se inferir que o texto ou discurso se caracteriza por sua unidade formal, material, numa ocorrência linguística falada, escrita ou gestual de qualquer extensão, significado ou importância em que seus constituintes linguísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados de modo a permitir que seja percebido como um todo coeso.

Assim, um texto será bem compreendido quando percebido pelo interlocutor sob três aspectos:

- 1) O **pragmático**, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa em que se insere o discurso (conjunto de normas).
- 2) O **semântico conceitual** em que depende sua coerência.
- 3) O **formal**, que diz respeito a sua coesão.

O conceito de texto, aqui entendido enquanto produção, criação, teoria ou faculdade de compreensão da linguagem falada, escrita, sinalizada, coloquial e outras, não pode ser vista como algo que se constrói individualmente, mas como uma prática social de

determinada época, em determinada sociedade. Pois o homem, na comunicação, utiliza-se de sinais devidamente organizados, emitindo-os como mensagens em que se envolvem emissor e receptor. Vale ressaltar que qualquer mensagem precisa de um meio transmissor, o qual se pode chamar de canal de comunicação e refere-se a um contexto ou uma situação em que estão envolvidos os elementos da comunicação.

Vale revelar que na linguagem coloquial, ou seja, na linguagem cotidiana entre os homens de sociedade diferenciada, usam-se as palavras conforme as situações ou contexto a que são inseridas ou se apresentam. Exemplo: “isso é um castelo de areia” uma expressão na qual pode estar inserida uma faculdade de agir denotativa ou conotativa.

Denotativamente a expressão citada refere-se a uma construção feita na areia de uma praia qualquer, em forma de castelo; conotativamente apresenta-se como uma expressão que traduz o significado de uma ocorrência sem solidez ou de caracterizam como material de pouca resistência sujeito a mudança rápida ou, fácil de ser derrubado.

Temos, portanto, o seguinte:

- ✓ **Denotação:** é o uso do signo em seu sentido real.
- ✓ **Conotação:** é o uso do signo em sentido figurado, simbólico.

Para que seja cumprida a função social da linguagem em uso como processo sociocomunicativo, ou seja, para que um texto seja percebido como um todo há necessidade que as palavras tenham significado, ou seja, que cada palavra apresente um conceito. A essa combinação de conceito e palavra denomina-se signo. O signo linguístico une um elemento concreto, material, perceptível (um som ou letras impressas) chamado significante, a um elemento inteligível (o conceito) ou imagem mental, chamado significado. Portanto, pode-se tomar como exemplificação de significante e significado o fruto da abóboreira que sozinho nada representa, é apenas uma imagem material, o significante, mas se nela “abóbora” for colocado: olhos, nariz e boca, passa a representar o dia das bruxas, do *halloween*, caracterizando assim o uso da linguagem como funções, ou papel a desempenhar pelo indivíduo ou instituição na transmissão ou recepção de mensagem, Logo:

Signo = significante + significado
Significado = ideia ou conceito (inteligível)

Organização do texto e ideia central

Um texto para ser compreendido deve apresentar ideias seletas e organizadas, através dos parágrafos, que são compostos pela ideia central, argumentação e/ou desenvolvimento e a conclusão do texto.

Pode-se desenvolver um parágrafo de várias formas:

- ✓ Declaração inicial.
- ✓ Definição.
- ✓ Divisão.
- ✓ Alusão histórica.

Serve para dividir o texto em pontos menores, tendo em vista os diversos enfoques. Convencionalmente, o parágrafo é indicado através da mudança de linha e um espaçamento da margem esquerda. Uma das partes bem distintas do parágrafo é o tópico frasal, ou seja, a ideia central extraída de maneira clara e resumida. Atentando-se para a ideia principal de cada parágrafo, assegura-se um caminho que nos levará à compreensão do texto.

Parágrafo no texto

Parágrafo é a unidade redacional que divide o texto em partes menores, cada uma responsável por um novo enfoque ou abordagem sobre o mesmo assunto que tem em vista atingir um objetivo. A gramática formal conceitua parágrafo como aquele que está marcado pela mudança de linha e de um afastamento da margem esquerda, mas sua finalidade vai além desses conceitos gramaticais.

A compreensão do texto depende de uma estrutura organizacional adequada do parágrafo, pois o mesmo é resultado de um conjunto de ideias que se inter-relacionam naturalmente, espontaneamente, consistentemente.

A estrutura organizacional do texto deve primeiramente estabelecer uma ideia capaz de orientá-lo inteiramente, distribuindo-se em introdução, desenvolvimento e conclusão de forma adequada e assim atingir o objetivo desejado pelo autor. É importante destacar outros aspectos do texto, selecionar ideias relevantes e manifestar características de coerência, ou seja, o pensamento deve desenvolver-se de forma lógica, espontânea e natural.

Finalmente, o texto deve ser claro e conciso, ou seja, sem excesso de pormenores, de explicações desnecessárias, sem repetição de ideias e palavras. É necessário que o próprio assunto do texto seja restrito, proporcionando profundidade de forma a atrair a atenção do leitor.

O parágrafo é iniciado por uma ideia-núcleo apresentada de forma clara e concisa que encerra uma ideia básica, que constitui o tópico frasal. Este indica ao autor os limites das ideias que pode explanar no parágrafo. O elemento relacionador é opcional, mas geralmente presente a partir do segundo parágrafo, servindo de “ponte” entre o parágrafo em si e o tópico que o antecede.

Vale lembrar que o homem ao construir algo, um texto, por exemplo, procura ou deve fazê-lo seguindo de maneira a esmerar-se pela perfeição, pois, tratando-se de texto, deve construí-lo como um objeto aberto, plural, dialogante e ligado ao contexto verbal, estrutural entre o este e a situação em que ele ocorre.

Estrutura do parágrafo

A estrutura do parágrafo é um processo em construção que deve ser organizado em partes, ou seja, o texto ao ser construído deve ser moldado em parágrafos, os quais deverão ser aumentados ou diminuídos. Isto é, variando de tamanho. A regra para determinar o tamanho do parágrafo é o bom senso, afinal o contexto é quem define o texto através do uso da linguagem.

O tamanho do parágrafo

Os parágrafos são moldáveis como a argila e, podem ser aumentados ou diminuídos, conforme o tipo de redação e o veículo de comunicação onde o texto vai ser divulgado. Se o escritor souber variar o tamanho dos parágrafos, dará colorido especial ao texto, captando a atenção do leitor, do começo ao fim. Em princípio, o parágrafo é mais longo que o período e menor que uma página impressa no livro, e a regra para determinar o tamanho é o bom senso.

Os parágrafos curtos são próprios para textos pequenos, como as notícias, que possuem parágrafos curtos em colunas estreitas, as revistas populares e os livros didáticos destinados a alunos iniciantes. Já os artigos e editoriais costumam ter parágrafos mais longos.

Quando o parágrafo é muito longo, o escritor deve dividi-lo em parágrafos menores, seguindo critério claro e definido a fim de enfatizar uma ideia.

Já os parágrafos médios são mais comuns em revistas e livros didáticos destinados a um leitor de nível médio. Cada parágrafo médio é construído com três períodos que ocupam de 50 a 150 palavras. Em cada página de livro cabem cerca de três parágrafos médios.

Os parágrafos longos em geral, as obras científicas e acadêmicas possuem longos parágrafos, por três razões: os textos são grandes e consomem muitas páginas; as explicações são complexas e exigem várias ideias e especificações, ocupando mais espaço; os leitores possuem capacidade e fôlego para acompanhá-los.

Esse conjunto de características apresentadas na construção dos parágrafos, acompanhados da coesão e coerência, ajudam a fazer com que um texto não seja uma sequência de palavras e frases, dando condição àquilo que é textual, ou seja, fielmente reproduzido.

Se você até hoje detestou textos, talvez não tenha entendido que eles falam uns com os outros através, não somente da moldagem dos parágrafos, mas também de outros fatores. Bem, este é o princípio básico do sétimo fator, a intertextualidade: a conversa entre textos distintos, ou seja, qualquer discurso tem a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo. Fica assim entendido que os elementos que concorrem para a textualidade numa relação coerente entre as ideias, são:

- Fatores semântico/formal (coesão e coerência);
- Fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade).

Coesão de um texto

A **coesão de um texto** depende muito da relação entre as orações que formam os períodos e os parágrafos. Os períodos compostos precisam ser relacionados por meio de conectivos adequados, se não quisermos torná-los incompreensíveis. Para cada tipo de relação que se pretende estabelecer entre duas orações, existe uma conjunção que se adapta perfeitamente a ela. Por exemplo, a conjunção. Mas só deve ser usada para estabelecer uma relação de oposição entre dois enunciados. Porém, se houver uma relação de adição ou ideia de concessão, a conjunção deverá ser outra.

Os conectivos ou elementos de coesão são todas as palavras ou expressões que servem para estabelecer elos, para criar relações entre segmentos do discurso, tais como: então, portanto, já que, com efeito, porque, ora, mas, assim, daí, aí, dessa forma, isto é, embora e tantas outras. Ao lado da coerência, a coesão é um requisito relevante para que sua redação seja clara e eficiente.

A coesão textual pode conseguir-se mediante quatro procedimentos gramaticais elementares. São eles:

- 1) **Substituição:** quando uma palavra ou expressão substitui outras anteriores: O Rui foi ao cinema. Ele não gostou do filme.
- 2) **Reiteração:** quando se repetem formas no texto: «E um beijo?! E um beijo do seu filhinho?!» - Quando dará beijos o meu menino?! (Fialho de Almeida) A reiteração pode ser lexical (“E um beijo”) ou semântica (“filhinho”/“menino”).
- 3) **Conjunção:** quando uma palavra, expressão ou oração se relaciona com outras antecedentes por meio de conectores gramaticais: O cão da Teresa desapareceu. A partir daí, não mais se sentiu segura. A partir do momento em que o seu cão desapareceu, a Teresa não mais se sentiu segura.
- 4) **Concordância:** quando se obtém uma sequência gramaticalmente lógica, em que todos os elementos concordam entre si (tempos e modos verbais correlacionados; regências verbais corretas, gênero gramatical corretamente atribuído, coordenação e subordinação entre orações):

A coesão textual pode ser feita através de termos que retomam palavras, expressões ou frases já ditas anteriormente (anáfora) ou antecipam o que vai ser dito (catáfora). A coesão por retomada ou antecipação pode ser feita por: pronomes, verbos, numerais, advérbios, substantivos, adjetivos.

Coerência de um texto

A **coerência** resulta da configuração que assume os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. Ela é considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores.

A coerência é uma propriedade ou peça comunicativa que tem a ver com o funcionamento do texto como meio de interação verbal e, não se pode avaliar a coerência de um texto se for levado em conta as formas como as palavras aparecem no texto. Logo, um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor.

Vale revelar que o sentido do texto é construído não somente pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários a sua interpretação. O produtor do discurso não ignora a participação do interlocutor e conta com ela. É fácil verificar que grande parte dos conhecimentos necessários à compreensão do texto não vem

explícita, mas fica dependente da capacidade de pressuposição e inferência do receptor. Assim, a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também, da compatibilidade entre essa rede conceitual, o mundo textual e o conhecimento de mundo daqueles que processam os discursos, daqueles que decodificam, compreendem e interpretam os significados das palavras.

Isso equivale à compreensão de que um texto é coerente quando é possível sua interpretação. Para que um texto seja coerente existem condições de interpretabilidades ligadas diretamente a ele, como o conhecimento e o uso adequado dos recursos léxicos e gramaticais da língua.

Se alguém ouvisse ou lesse coisas como:

EXEMPLOS:

- a) Quem tem uma foto importada de 1000 cilindradas, que custa US\$ 20.000, não vai expô-la ao trânsito de uma cidade como São Paulo.
- b) João venceu a luta, apesar de ser o mais forte dos lutadores.

Um leitor experiente não hesitaria em classificá-las como incoerentes.

No primeiro caso (*letra a*), houve o uso inadequado de uma palavra do léxico. Basta trocar a palavra foto pela palavra moto que o texto fica coerente.

No segundo caso (*letra b*), houve uma falha gramatical. A conjunção, apesar de não está adequada para unir as duas ideias expostas no texto.

Se a substituirmos pela conjunção pois tudo volta a ficar bem, em uma outra versão como:

João venceu a luta, pois era o mais forte dos lutadores.

A coerência de um texto depende de fatores pragmáticos como a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, e outros, como os elementos contextualizadores que são data, local, assinatura, elementos gráficos etc., envolvidos no processo sociocomunicativo. E também do conhecimento de mundo do leitor, Alguém que não possua conhecimento sobre um tema tratado terá mais dificuldades para entender a contextualização em que este se dá.

Como produzir um bom texto

Observe que não existe uma “fórmula mágica” para produzir um bom texto, no entanto, há estratégias interessantes para melhorar sua produção. Cada indivíduo tem um estilo de escrita, no entanto, o que importa não é necessariamente o estilo e sim, a **coesão e a coerência** apresentadas no texto. De tal modo, a coerência é uma característica textual que está relacionada com o contexto. Ou seja, ela significa a relação lógica entre as ideias expressas, de forma que não haja contradição no texto.

A coesão, por sua vez, está relacionada às regras gramaticais e os usos corretos dos conectivos (conjunções, preposições, advérbios e pronomes).

Em suma, para que um texto seja considerado bom, o importante é conhecer o tipo e o gênero do texto. Além disso, não fugir do tema pedido e sobretudo, cumprir as regras gramaticais essenciais para sua compreensão.

Para tanto, pesquisar sobre o tema antes de escrever o texto é muito importante para dar consistência e mais propriedade à **argumentação textual** agregando maior valor ao texto.

Vale lembrar das novas regras gramaticais da língua portuguesa, apresentadas pelo “Novo Acordo Ortográfico”.

Etapas para produção de um texto

Segue abaixo algumas etapas básicas para a produção de texto:

Tema e Título

Observe que o tema da redação é diferente do título. O tema representa o assunto a ser abordado, enquanto o título é o nome dado ao texto.

Na maioria dos casos, o título é muito importante, sendo que algumas pessoas preferem começar por ele. Outras, escrevem o texto primeiro e a palavra ou expressão que o define é escolhida posteriormente.

Apresentação

A apresentação do texto (também chamada de tese) é de suma importância pois são nos primeiros parágrafos que vai despertar o interesse na leitura do restante do texto. É o momento em que você instigará o leitor, sendo essencial pontuar as principais informações que serão desenvolvidas no decorrer do texto.

Claro que nem toda a informação deve estar presente na apresentação, que deverá ser breve. Porém, os principais dados e elementos que serão abordados devem surgir nesse momento do texto.

Desenvolvimento

Após definir a apresentação, o segundo momento da produção do texto é o desenvolvimento. Como o próprio nome indica, nessa etapa é fundamental o desenvolvimento das ideias. Aqui o escritor argumentará e oferecerá os dados e/ou as informações obtidas na pesquisa e fazer uma reflexão sobre o tema abordado.

Assim, fica claro que quanto melhor sua argumentação, melhor será o texto.

Conclusão

Muitas pessoas não se preocupam com essa parte fundamental do texto, ou seja, o momento da conclusão. Finalizar o texto é tão importante quanto começá-lo.

Assim, não adianta fazer uma boa introdução e desenvolvimento, e deixar o texto sem conclusão. Após a argumentação faz-se necessário que o escritor chegue numa conclusão e opine (no caso dos textos dissertativos), apresentando assim um novo caminho.

Note que, quanto mais criativa for a conclusão, mais interessante ficará o texto.

Dicas para produzir um bom texto

Segue abaixo, algumas dicas para melhorar sua produção de textos:

- ✓ Mantenha o hábito da leitura e da escrita;
- ✓ Tenha o conhecimento das novas regras gramaticais;
- ✓ Preste atenção à grafia, pontuação, parágrafos e concordâncias;
- ✓ Seja criativo e espontâneo;
- ✓ Não utilize palavras de baixo calão, palavrões;
- ✓ Se distancie da linguagem coloquial, informal;
- ✓ Tenha opinião e faça críticas próprias;
- ✓ Atenção à relação lógica das ideias (coerência);
- ✓ Não se afaste do tema e do tipo de texto proposto;
- ✓ Faça um rascunho para evitar rasuras;
- ✓ Se necessário, leia o texto em voz alta;
- ✓ Cuidado com as repetições de palavras e ideias;
- ✓ Não utilize palavras ou expressões que não conheça;
- ✓ Se necessário, recorra ao dicionário;
- ✓ Seja claro e conciso.

OBSERVAÇÕES:

Para escrever um texto que chame a atenção do leitor, faz-se necessário ser **direto e claro em suas mensagens, em textos simples, fáceis de ler e entender, em voz ativa**. Você tem pouco tempo para atrair a atenção do leitor. E a maneira ideal é colocando uma boa imagem e **caprichando nos primeiros dois parágrafos**.

**VOCÊ SABIA?*****Formas de composição textual***

Os textos admitem diferentes formas de composição. A escolha de uma ou de outra depende das exigências do que se quer comunicar. A cada forma correspondem características como a escolha da linguagem e a organização estrutural.

São as seguintes as formas ou os gêneros de composição textual:

- Descrição.
- Narração.
- Dissertação.

Texto dissertativo/informativo e o texto argumentativo

Dissertar é o mesmo que desenvolver ou explicar um assunto, discorrer sobre ele. Assim, o texto dissertativo pertence ao grupo dos textos expositivos, juntamente com o texto de apresentação científica, o relatório, o texto didático, o artigo enciclopédico. Em princípio, o **texto dissertativo** não está preocupado com a persuasão e sim, com a transmissão de conhecimento, sendo, portanto, um texto informativo.

Os **textos argumentativos**, ao contrário, têm por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Quando o texto, além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento, temos um texto dissertativo-argumentativo.

A linguagem do **texto dissertativo-argumentativo** costuma ser impessoal, objetiva e denotativa. Predominam formas verbais no presente do indicativo e emprega-se o padrão culto e formal da língua.

Conceitos sobre textualidade

O que é textualidade?

A textualidade é um conjunto de características que fazem com que um texto seja considerado como tal, e não apenas uma sequência de palavras e frases, ou seja, qualidade ou condição daquilo que é textual ou, fielmente reproduzido.

São apontados sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a coesão e a coerência, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, que tem a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

Fatores pragmáticos da textualidade

Os fatores pragmáticos da textualidade são:

- ✓ **Intencionalidade** – concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa.
- ✓ **Aceitabilidade** – refere-se à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou cooperar com os objetivos do produtor.
- ✓ **Situacionalidade** – diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação comunicativa.
- ✓ **Informatividade** – diz respeito à medida nas quais às ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal.
- ✓ **Intertextualidade** – concerne aos fatores que fazem à utilização de um texto dependente do conhecimento de outro (s) texto (s). A essa relação em que um texto pode ser produto de outro texto.

Redações técnicas e literárias

Escrever e comunicar é buscar uma resposta do receptor da mensagem, e, sobretudo, persuadi-lo ou informá-lo sobre determinado argumento. No contexto comercial, a redação técnica é aquela utilizada em objetivo empresarial e oficial.

Difere da redação literária e dissertativa, que são carregadas de valores textuais estéticos, objetivos, artísticos e até mesmo subjetivo. Em qualquer tipo de texto que se escreva, é necessário pesquisa e domínio sobre o assunto para um maior domínio de sua argumentação. Tal fator é primordial na redação técnica, que segue o ato de redigir obedecendo a um conjunto de metodologias em prol de um resultado, seguindo sempre uma formatação padrão no meio comercial, administrativo e jurídico.

Na prática, a **redação técnica** abrange atas, circular, contratos, memorandos, parecer, procuração, recibo, texto de registro, relatório e currículo. A redação técnica é um texto redigido de maneira mais elaborada e formal. Ela difere das redações literárias, pois são objetivas e imparciais, além do que utilizam a linguagem denotativa.

Já nas **redações literárias**, predominam a subjetividade e a linguagem conotativa.

As redações literárias e as redações técnicas possuem características próprias, com finalidades e objetivos diferentes.

Vejamos uma tabela indicando algumas características específicas de cada uma:

REDAÇÃO LITERÁRIA	REDAÇÃO TÉCNICA
Finalidade discursiva expressa pelo entretenimento.	Finalidade discursiva voltada para a informação e para o esclarecimento.
Predomínio de um vocabulário voltado para a subjetividade, sobretudo demarcado pelo uso de figuras de linguagem.	Uso de linguagem denotativa – com sentido original das palavras expressas.
Discurso envolto por multiplicidade de interpretações.	Precisão do vocabulário.
Emprego das funções: poética, metalinguística e emotiva, pautadas pelo espírito subjetivo do emissor.	Predomínio da função referencial, fundamentando-se em dados concretos.
Apego aos aspectos estéticos da linguagem – revelado pela subjetividade presente.	Imparcialidade e exatidão que traduzem a eficácia da linguagem.

Figura 4: Tabela comparativa entre Redação Literária e Redação Técnica.

Características de uma redação técnica

Esse tipo de redação apresenta algumas peculiaridades em sua estrutura e estilo. Isso porque geralmente se tratam de documentos oficiais de correspondência que possuem uma

finalidade, seja informar, solicitar, registrar, esclarecer, dentre outros. Por isso, nas redações técnicas é utilizada a linguagem formal, objetiva, e segue as regras da norma culta padrão. Ela abriga modalidades de textos que cotidianamente nos deparamos, por exemplo, a ata de uma reunião, o currículo, o relatório, o atestado, dentre outros.

As redações técnicas são muito utilizadas no meio acadêmico, profissional, comercial e empresarial.

Tipos de redação técnica

De acordo com a finalidade proposta, existem diversos tipos de Redação Técnica, a saber:

- Ata;
- Memorando;
- Atestado;
- Circular;
- Carta Comercial;
- Relatório;
- Requerimento;
- Declaração;
- Ofício;
- Procuração;
- Contrato;
- Currículo.

Estrutura de uma redação técnica

Cada tipo de redação técnica apresenta uma estrutura específica, no entanto, algumas características são comuns a todos, a saber:

- **Timbre:** as redações técnicas geralmente são produzidas em papel timbrado da empresa, da universidade, da escola, etc. Além do timbre, elas podem conter carimbos com indicação da instituição que a emitiu.
- **Destinatário:** alguns textos técnicos exigem a indicação do receptor da mensagem. Além do nome, podem ser acrescentados o departamento e o cargo ocupado pelo destinatário.
- **Título:** algumas delas usam título, enquanto outras preenchem um campo denominado de “assunto”.

- **Tema:** antes de escrever é importante estar atento ao tema (assunto) que será explorado no corpo do texto.
- **Corpo do texto:** os textos das redações técnicas geralmente seguem a estrutura padrão de introdução, desenvolvimento e conclusão.
- **Saudações finais:** alguns documentos admitem as saudações finais e sempre devem aparecer na linguagem formal: atentiosamente, saudações cordiais, cumprimentos, etc.
- **Assinatura:** ao final do documento, muitas redações técnicas apresentam a assinatura do emissor, bem como o cargo que ocupa.

Relatórios

Como sugere o próprio termo, o **relatório** é um modelo de texto que **relata sobre algo**. Seja de modo escrito ou oral, o relatório geralmente apresenta um conjunto de informações circunstanciais sobre determinado tema. São comumente textos expositivos de caráter narrativo e descritivo, entretanto, alguns relatórios podem ser críticos, apresentando argumentação e considerações pessoais. Os relatórios situam-se nas ditas **redações técnicas** e demonstram sua importância enquanto registro formal nas mais variadas atividades e ambientes.

Escola, universidade ou trabalho, podemos citar, como exemplo, a participação num evento, a visita a um equipamento cultural, uma atividade em sala ou em grupo, o relato de uma experiência, detalhes de uma pesquisa, apreciações sobre um livro, um filme, etc. A linguagem presente nos relatórios é **formal** e cuidadosa, prezando sempre pela utilização da norma culta, coerência e coesão textual.

Tipos de relatório

De acordo com sua finalidade, os relatórios podem ser classificados em:

- **Relatório Escolar:** textos escolares em que o aluno pode relatar sobre um evento ou uma atividade proposta pelo professor.
- **Relatório Científico:** relatórios acadêmicos produzidos após uma pesquisa. Geralmente, eles são produzidos por pessoas do ensino superior, por exemplo, o relatório de estágio, relatório de finalização de curso, relatório de participação num evento acadêmico.

- **Relatório Administrativo:** registros que a empresa realiza diariamente ou mensalmente. Geralmente produzidos pelos empregados do setor administrativo, por exemplo, os “relatórios de contas.”

E além disso, podem também ser classificados em:

- **Relatório Crítico:** quando exprime opiniões e apreciações do autor no corpo do texto.
- **Relatório de Síntese:** designam comumente modelos mais simples de relatório, que apresentem um resumo sobre determinada atividade, como por exemplo, um filme assistido em sala.
- **Relatório de Formação:** quando há o desenvolvimento de um projeto ou pesquisa, são desenvolvidos relatórios conforme o desenvolvimento da pesquisa. Ou seja, eles relatam os estágios de desenvolvimento do trabalho.

Estrutura textual de um relatório

Dependendo do tipo de relatório, segue-se um padrão estrutural definido:

- **Capa:** designada também “folha de rosto”, geralmente os relatórios apresentam uma capa, com o título do trabalho, nome do aluno ou grupo, professor, instituição e a data. Alguns modelos exigem a inclusão da marca da instituição em que foi desenvolvido o trabalho.
- **Índice:** no caso de trabalhos mais longos e desenvolvidos em várias etapas, antes de iniciar o texto sugere-se o índice (ou sumário), com o nome de cada subtítulo e o número das páginas onde está localizada cada informação.
- **Título:** na página seguinte, e antes de começar a escrever o relatório, este deve apresentar um título referente ao trabalho que fora desenvolvido (o mesmo que apareceu na capa). Abaixo pode surgir uma epígrafe, ou seja, uma frase em letra menor e localizada na parte direita do texto, a qual faz referência ao tema do trabalho.
- **Introdução:** geralmente contém informações sobre a descrição do trabalho e os métodos utilizados, tal como, local, disciplina, professor, objetivos e justificativas. Ou seja, em quais circunstâncias foi desenvolvido o trabalho descrito no relatório.
- **Desenvolvimento:** parte que contém a maior porção do trabalho descrito, onde comumente são relatadas todas as etapas do trabalho, apontando dados sobre a pesquisa, dentre eles gráficos, tabelas, figuras, fotos, dentre outros.
- **Conclusão:** a conclusão do relatório contempla o arremate do texto, ou seja, um apanhado geral do que foi descrito anteriormente. Ou seja, as principais ideias

expostas em todo o trabalho devem ser concluídas, por exemplo, os resultados obtidos e os resultados esperados. E, se for um relatório de caráter crítico, o aluno pode acrescentar algumas observações pessoais referentes ao desenvolvimento do trabalho.

- **Considerações Finais:** No caso de relatórios críticos, ao final do texto acrescenta-se as considerações finais, que engloba as opiniões do autor acerca da experiência retratada. Pode-se apontar soluções, sugestões e problemáticas surgidas ao longo do desenvolvimento do trabalho.
- **Bibliografia:** por fim, inclui-se o conteúdo teórico utilizado no desenvolvimento do trabalho, seja bibliografia ou webgrafia. Seguindo sempre a forma padrão da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).



PAUSA PARA REFLETIR...

Quanto à virtude, não basta conhecê-la, devemos tentar também possuí-la e colocá-la em prática.

Aristóteles.

A LEITURA

A evolução da leitura

Com a invenção da Imprensa (Tipografia), em 1455, pelo inventor alemão Johannes Gutenberg (1398-1468), o ato de ler (anteriormente divulgado por manuscritos), expandiu-se rapidamente. Junto a isso, proporcionou maior difusão e produção de conhecimentos no mundo.

Com a globalização e a aceleração das transformações comunicacionais e digitais da modernidade (televisores, computadores, celulares, etc) o ato da leitura foi cada vez mais adquirindo um lugar secundário.

Todavia, tal seja a importância da leitura no mundo, a expansão tecnológica proporcionou outras formas de leitura, por exemplo, os famosos *e-books*.



Figura 5: Imagem que mostra a evolução da leitura nas diferentes mídias.

Leitura no Brasil

Estudos apontam que no Brasil a média de leitura dos brasileiros é de 1 livro por ano. Esse dado nos deixa numa das posições baixas em relação a outros países da América Latina. Na Argentina, por exemplo, a média anual é de 12 livros por habitante.

Essa realidade torna-se mais clarificada quando pensamos no problema do “analfabetismo funcional”. Ou seja, o conhecimento do código linguístico unido à limitada capacidade de interpretar os textos. Esse é um dos principais problemas da educação no país, e portanto, as estatísticas assustam.

Segundo pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (censo 2010), cerca de 20% da população brasileira é considerada analfabeta funcional. Nesse panorama, destaca-se a região nordeste, com aproximadamente 30% da população.

Esse problema estrutural deve-se à precariedade do ensino público do país e à falta de incentivos que apoiem o hábito e a importância da leitura nas escolas. No entanto, diversos programas educacionais têm focado na leitura e na escrita.

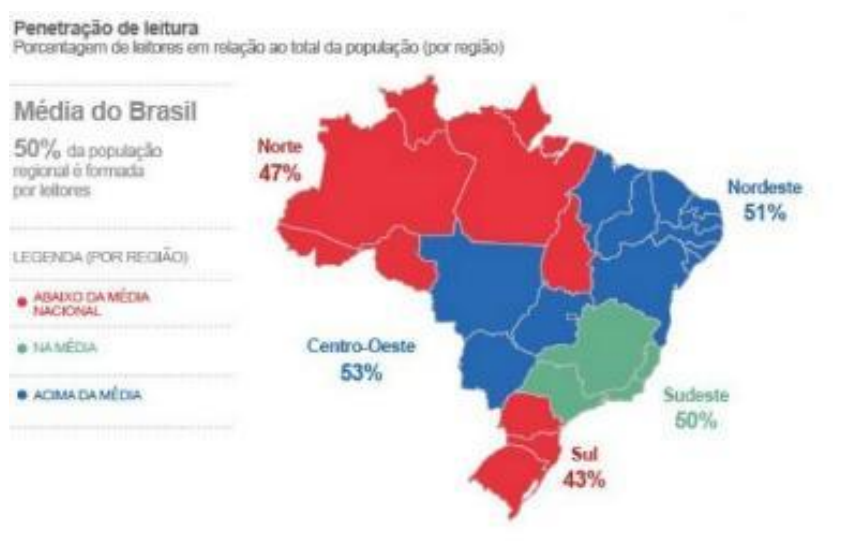


Figura 6: Porcentagem de leitores.

OBSERVAÇÕES:

A importância da leitura no contexto educacional

A leitura não deveria ser encarada como uma obrigação escolar, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de

“mensagem”. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia acontecer como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa.

O texto não devia ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse de uma maneira muito criativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante, porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma obrigação.

A importância da leitura

Tanto a leitura quanto a escrita são práticas sociais importantes para o desenvolvimento da cognição humana. Ambas proporcionam o desenvolvimento do intelecto e da imaginação, além de promoverem a aquisição de conhecimentos.

Dessa maneira, quando lemos ocorrem diversas ligações no cérebro que nos permitem desenvolver o raciocínio. Além disso, com essa atividade aguçamos nosso senso crítico por meio da capacidade de interpretação. Nesse sentido, vale lembrar que a “interpretação” dos textos é uma das chaves essenciais da leitura. Afinal, não basta ler ou decodificar os códigos linguísticos, faz-se necessário compreender e interpretar essa leitura.

A leitura é o alicerce do contexto escolar, abre caminhos, estimula o aluno, conscientiza, aprimora e expande os conhecimentos. O texto tem um significado especial em nosso meio. O surgimento da linguagem e seu posterior desdobramento em múltiplas formas, entre elas as regras da escrita, marcam uma transição plena de significado para o meio atual.

Por meio da palavra escrita, podemos auxiliar na transformação do mundo, podemos educar e influenciar as pessoas, positiva ou negativamente. Ler é fundamental para o ser humano, uma tarefa intrínseca no cotidiano educacional. A atividade da leitura, com o tempo, deve auxiliar na construção da personalidade e na descoberta de horizontes. Para que esse processo se realize, é preciso que alimentamos nossa inteligência com diferenciados gêneros textuais, é necessário que ampliemos nosso horizonte cultural, para que possamos atingir a autonomia como sujeitos sociais e históricos.

O ato de ler não é uma questão estritamente cognitiva. Envolve interações, afetos, rejeições, relações sociais e situações de ensino. Nesse processo, o sujeito participa e interage, recriando o texto de acordo com a sua percepção.

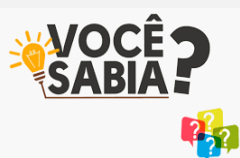
Quando dizemos que, ao ler, acompanhamos o pensamento do autor, na verdade, o que estamos dizendo é que entendemos o texto imaginando-nos como seus produtores. O texto-produto é visto como um conjunto de pegadas a serem utilizadas para recapitular as estratégias do autor e, através delas, chegar a seus objetivos.

Ler é navegar nas profundezas do imaginário social. Interpretar é ir além daquilo que possa ser visto. É como um iceberg: entender aquilo que está oculto, submerso. O significado abstraído da leitura será singular para cada leitor e diferente para o mesmo em diferenciados momentos de vida. Essa pluralidade de significados de uma mesma leitura depende do interesse do leitor, das necessidades do momento, de seu poder de refletir sobre a intencionalidade da produção textual, de sua capacidade crítica de análise, de sua inferência.

O leitor crítico participa do processo de leitura. Muito mais do que ter a capacidade de decifrar um código de sinais, a partir de um texto, é capaz de atribuir sentido a ele, de compreendê-lo, de interpretá-lo, de “relacioná-lo a outros textos, de reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono de própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista”.

A leitura, principalmente quando feita pelo prazer, estimula o desenvolvimento cognitivo do leitor. O leitor crítico, movido de intencionalidade, revela o significado pretendido pelo autor, entretanto não se detém neste nível, ele reage, questiona, problematiza, aprecia, critica. Acredita que o mundo é passível de transformação e descobre-se como construtor desse mundo. Por meio do ato de decodificar e refletir, novos horizontes abrem-se para o leitor, visto que experimenta outros meios.

A leitura crítica sempre gera expressão: o desvelamento do ser do leitor. Essa leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação do significado; deve ser caracterizada como um projeto, pois se concretiza em uma proposta pensada pelo ser no mundo, dirigida ao outro em sua totalidade.



VOCÊ SABIA?

9 motivos para estudar a nossa língua

Nós usamos a Língua Portuguesa desde criança. Então por que estudá-la por toda a vida? Simplesmente porque falar não basta.

É preciso saber ler, escrever, interpretar e mais: é preciso fazer tudo isso muito bem, já que dominar o Português é condição básica para a boa comunicação, para o êxito profissional além de ser essencial para o aprendizado de outras disciplinas.

Veja abaixo 9 motivos para estudar a nossa língua.

1) ENSINA A SE EXPRESSAR BEM

Só estudando Português e treinando a leitura e a escrita, é possível aprender a usar a língua da forma correta. E você sabe: falar e escrever

certo são coisas essenciais para conseguir passar em vestibulares, concursos e conseguir bons empregos.

2) ESTIMULA O GOSTO PELA LEITURA

Além de melhorar a escrita, a leitura é um excelente meio de adquirir cultura e até um ótimo passatempo. Passatempo? Sim! Só quem já leu um grande romance, daqueles que a gente não consegue largar antes do fim, sabe como ler é um ato prazeroso.

3) AUMENTA O REPERTÓRIO

Quem sabe interpretar é capaz de ler qualquer tipo de texto e, com isso, adquirir cultura e aumentar o seu próprio repertório em qualquer assunto. Se o interesse é por astronomia, por exemplo, vai ser muito mais fácil ler e pesquisar sobre o assunto se estiver plenamente alfabetizado e se souber interpretar textos.

4) EVITA QUE O "INTERNETÊS" SAIA DA INTERNET

É inevitável. Ao usar a internet temos contato com o "internetês" e suas abreviaturas (você=vc, beleza=blz). O "internetês" deve ficar restrito à internet, ambiente em que é aceitável. Fora do computador, é preciso saber escrever corretamente.

5) É ESSENCIAL PARA ESTAR BEM INFORMADO

Hoje saber o que acontece na nossa cidade, no nosso país e no mundo é essencial para compreendermos a realidade em que vivemos é imprescindível quando se vai a uma entrevista de emprego, por exemplo.

6) É A SÉTIMA LÍNGUA MAIS FALADA NO MUNDO

Fala-se muito que aprender inglês e espanhol é essencial e ninguém discorda disso, já que ambos estão entre as cinco línguas mais faladas da Terra. Mas o que muita gente não sabe é que o português é a sétima língua mais falada no mundo, sendo o idioma oficial de mais seis países além de Brasil e Portugal. São eles: Moçambique, Angola, Cabo Verde, Timor Leste, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Um bom motivo para aprender - e bem - a nossa língua, não?

7) É A BASE PARA COMPREENSÃO DE OUTRAS DISCIPLINAS

Saber Português é essencial para aprender Matemática. Achou estranho? Pois pare para pensar: como vai entender as explicações do livro de Matemática se não estiver plenamente alfabetizado? O mesmo acontece com as outras matérias... Por isso, o Português é a base de toda a vida escolar.

8) DESENVOLVE A IMAGINAÇÃO

Quem lê uma história de ficção automaticamente está usando a imaginação, afinal é impossível ler a descrição de uma praia, por exemplo, sem imaginá-la.

9) TREINA A COORDENAÇÃO MOTORA

Aprender a escrever é uma atividade que, além de desenvolver o raciocínio, treina a coordenação motora, já que aprendemos a "desenhar" a letra.

Benefícios da leitura

Muitos são os benefícios que a leitura proporciona: desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da comunicação, bem como o aumento do vocabulário, conhecimentos gerais e do senso crítico. Além desses benefícios, com a leitura exercitamos nosso cérebro, o que facilita a interpretação de textos e leva à maior competência (habilidade) na escrita.

Com a leitura o indivíduo adquire maior repertório, ampliando e expandindo seus horizontes cognitivos. Para além disso, estudos apontam que o ato de ler é muito prazeroso na medida em que reduz o stress ao mesmo tempo que estimula reflexões.

Por esse motivo, a leitura deve ser incentivada desde a educação primária. Incentivar os filhos pequenos em casa e criar hábitos são chaves importantes para que as crianças desenvolvam o gosto pela leitura. Uma dica é levá-los nas bibliotecas, livrarias ou mesmo contar histórias para eles.



Figura 7: Ilustração que mostra a leitura e sua importância para o cérebro.

O trabalho da crítica do pensamento

Normalmente se imagina que a crítica permite opor um pensamento verdadeiro a um pensamento falso. Na verdade, a crítica não é isso. Não é um conjunto de conteúdos verdadeiros que se oporia a um conjunto de conteúdos falsos. A crítica é um trabalho intelectual com a finalidade de explicitar o conteúdo de um pensamento qualquer para encontrar o que está sendo silenciado por esse pensamento ou por esse discurso.

O que interessa para a crítica não é o que está explicitamente pensado, explicitamente dito e que, muitas vezes nem sequer está sendo pensado de maneira consciente. Ou seja, a tarefa da crítica é fazer falar o silêncio, colocar em movimento um pensamento que possa desvendar todo o silêncio contido em outros pensamentos, em outros discursos.

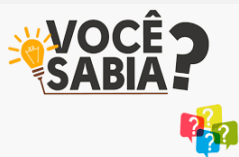
Qual é a finalidade de fazer falar o silêncio, ou tornar explícito o implícito? Essa finalidade é dupla. Se quando explícito um pensamento ou um discurso, fazendo aparecer tudo aquilo que estava em silêncio, tudo aquilo que estava implícito, se, ao fazer isso, o pensamento ou o discurso que estou examinando se revela insustentável, se começa a desmanchar, se dissolver, se destruir à medida que vou explicitando tudo que nele havia, mas que ele não dizia, então a crítica encontrou algo muito preciso, encontrou a IDEOLOGIA. A ideologia é exatamente aquele tipo de discurso, aquele tipo de pensamento que contém um silêncio que, se for dito, destrói a coerência, a lógica da ideologia. Mas esse trabalho crítico pode encontrar uma outra coisa também.

É perfeitamente possível que, ao fazer falar o silêncio de um pensamento ou de um discurso ao explicitar o seu implícito, o que se revele para nós seja um pensamento ainda mais rico do que havíamos imaginado, ainda mais coerente do que havíamos imaginado, ainda mais importante do que havíamos imaginado, capaz de nos dar 15 pistas para pensar, caminhos novos, justamente porque pudemos perceber muito mais do que o que parecia à primeira vista estar contido nele.

Nesse caso, a crítica encontrou um pensamento verdadeiro e, mais do que um pensamento verdadeiro, encontrou uma obra de pensamento propriamente dita, Ou seja, o que diferencia uma obra de pensamento de uma ideologia é o fato de que, na obra de pensamento, a descoberta de tudo o que estava silenciosamente contido nela, de tudo aquilo que nela pedia interpretação, de tudo aquilo que nela pedia revelação, explicitação, desdobramento, é aquilo que faz, no caso de uma ideologia, a destruição do próprio pensamento.

Assim, a tarefa da crítica não é trazer verdades para se opor a falsidade; mas realizar um trabalho interpretativo com relação a pensamentos e discursos dados, para explicitar o implícito ou fazer falar seu silêncio, de tal modo que a abertura de um novo campo de pensamento através da crítica revela a descoberta de uma obra de pensamento, enquanto a destruição da coerência e da lógica do que foi explicitado revela que descobrimos uma ideologia.

A crítica não é, portanto, um conjunto de conteúdos verdadeiros, mas uma forma de trabalhar. A forma de um trabalho intelectual, que é o trabalho filosófico por excelência. Nesse sentido, excluir a Filosofia de uma universidade é, provavelmente, abolir o lugar privilegiado da realização da crítica. Obviamente, existe um medo da crítica, pois se a crítica não traz conteúdos prévios, mas é descoberta de conteúdos escondidos, então ela é muito perigosa.



VOCÊ SABIA?

O que é o pensamento crítico?

Resumindo em palavras simples, o pensamento crítico é a capacidade de olhar para as situações de maneira crítica. Isso exige, principalmente, que a pessoa consiga deixar suas crenças e opiniões de lado para fazer sua análise. É como se a pessoa fosse capaz de ver as coisas de fora, como alguém que não está participando, apenas analisando.

É deixar que o foco seja apenas no racional, sem permitir que as emoções influenciem no julgamento final. Quando colocamos assim, podemos parecer frios e calculistas, mas a verdade é que ele influencia muito no ambiente de trabalho e pode tornar o funcionário um profissional melhor.

Por que o pensamento crítico é importante?

Ter um pensamento crítico pode mudar toda a dinâmica do ambiente de trabalho. Podemos analisar, por exemplo, que os problemas pessoais entre funcionários costumam afetar seus rendimentos e o bem-estar das equipes. Quando as pessoas têm pensamento crítico, isso não acontece: ninguém deixa que o trabalho se misture com a vida pessoal e todos tentam manter a cordialidade para que os projetos saiam como o planejado.

O pensamento crítico também traz grandes vantagens, porque eles se veem muitas vezes tendo que resolver problemas e conflitos entre funcionários. É inegável que, nessas situações, os líderes possam concordar com uma das partes envolvidas. No entanto, a imparcialidade é essencial para manter uma posição firme nesses momentos. O pensamento crítico afasta as opiniões pessoais e foca apenas nos fatos e na racionalidade.

Mas não pense que este tipo de pensamento é unicamente racional: ele também abre espaço para a criatividade. Alguém que é capaz de pensar criticamente costuma ter mais ideias e sugestões, o que sempre leva à inovação nos projetos da empresa. Afastar sua opinião pessoal abre espaço para pensar em outras opiniões – e é assim que nascem as melhores ideias.

Até mesmo o atendimento ao cliente é melhor quando o funcionário tem um pensamento crítico, porque isso leva à empatia. Quando deixamos

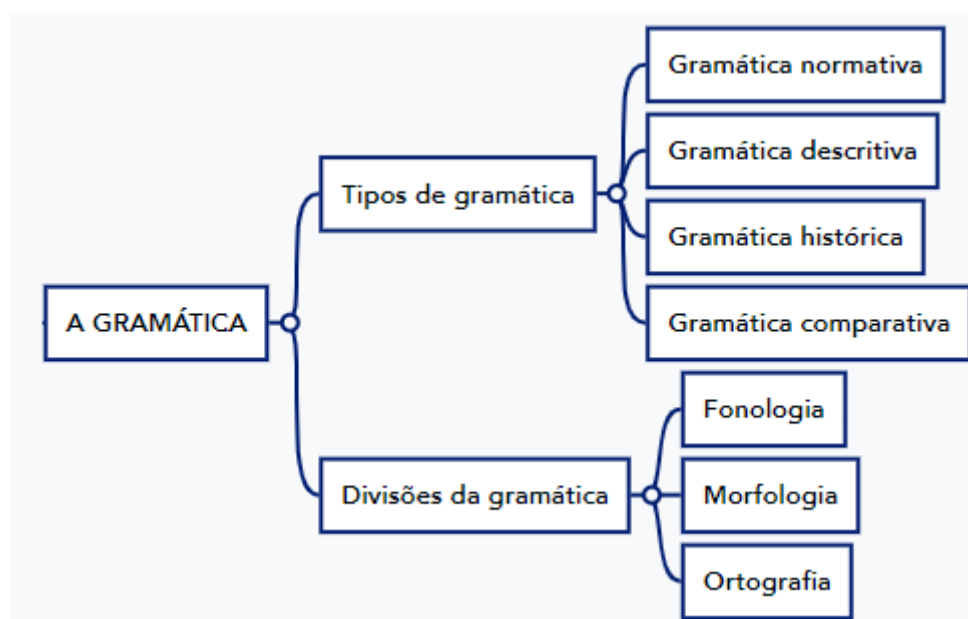
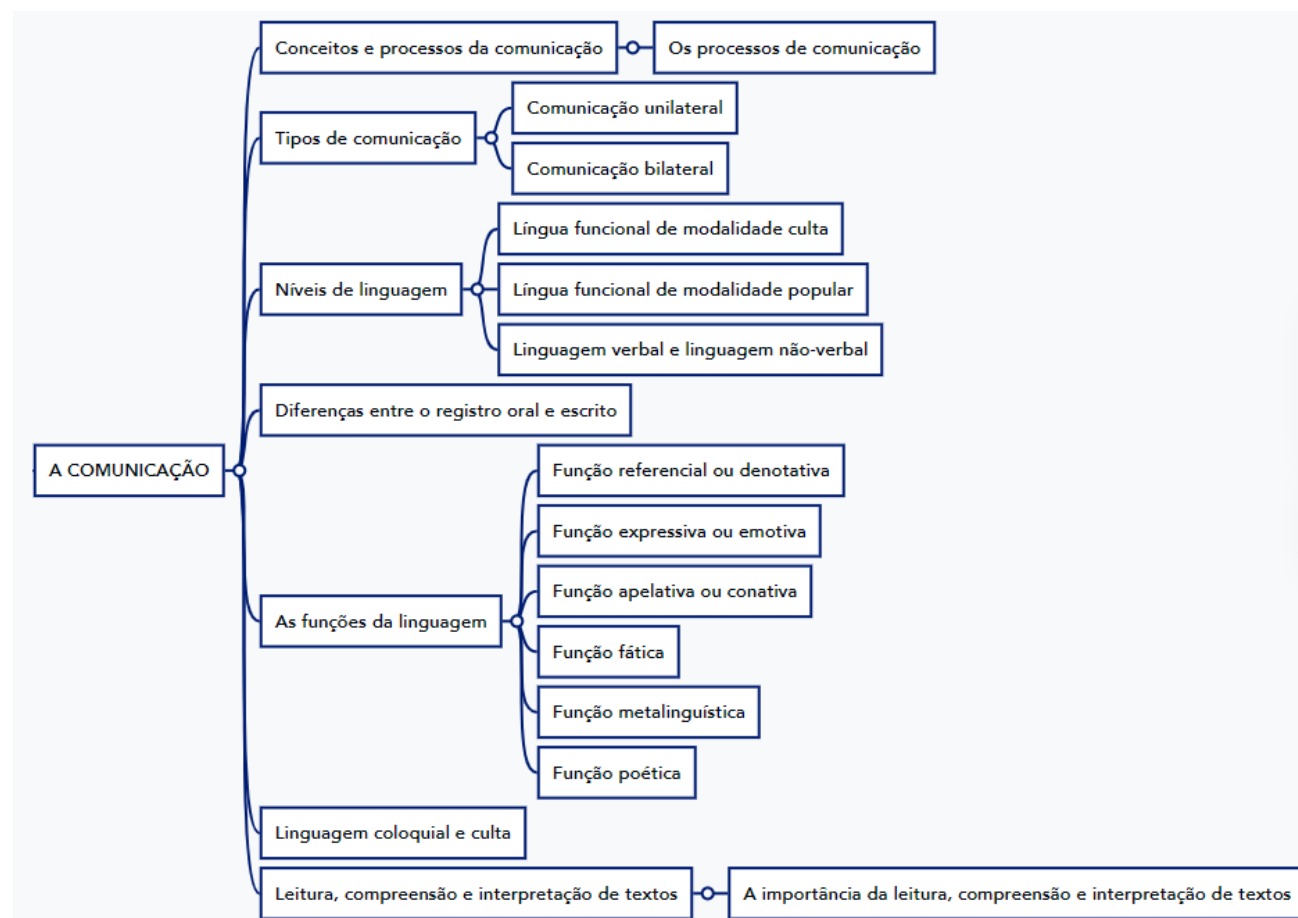
nossas próprias crenças de lado para analisar uma situação, conseguimos entender melhor o que o outro está passando. Desse modo, o funcionário compreende as necessidades do cliente e consegue atendê-lo melhor.

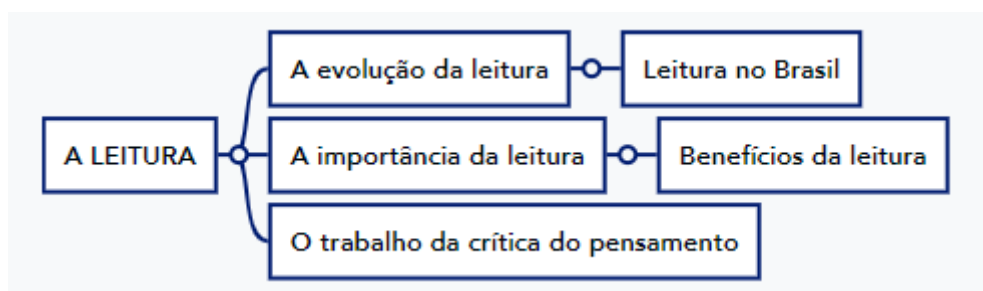
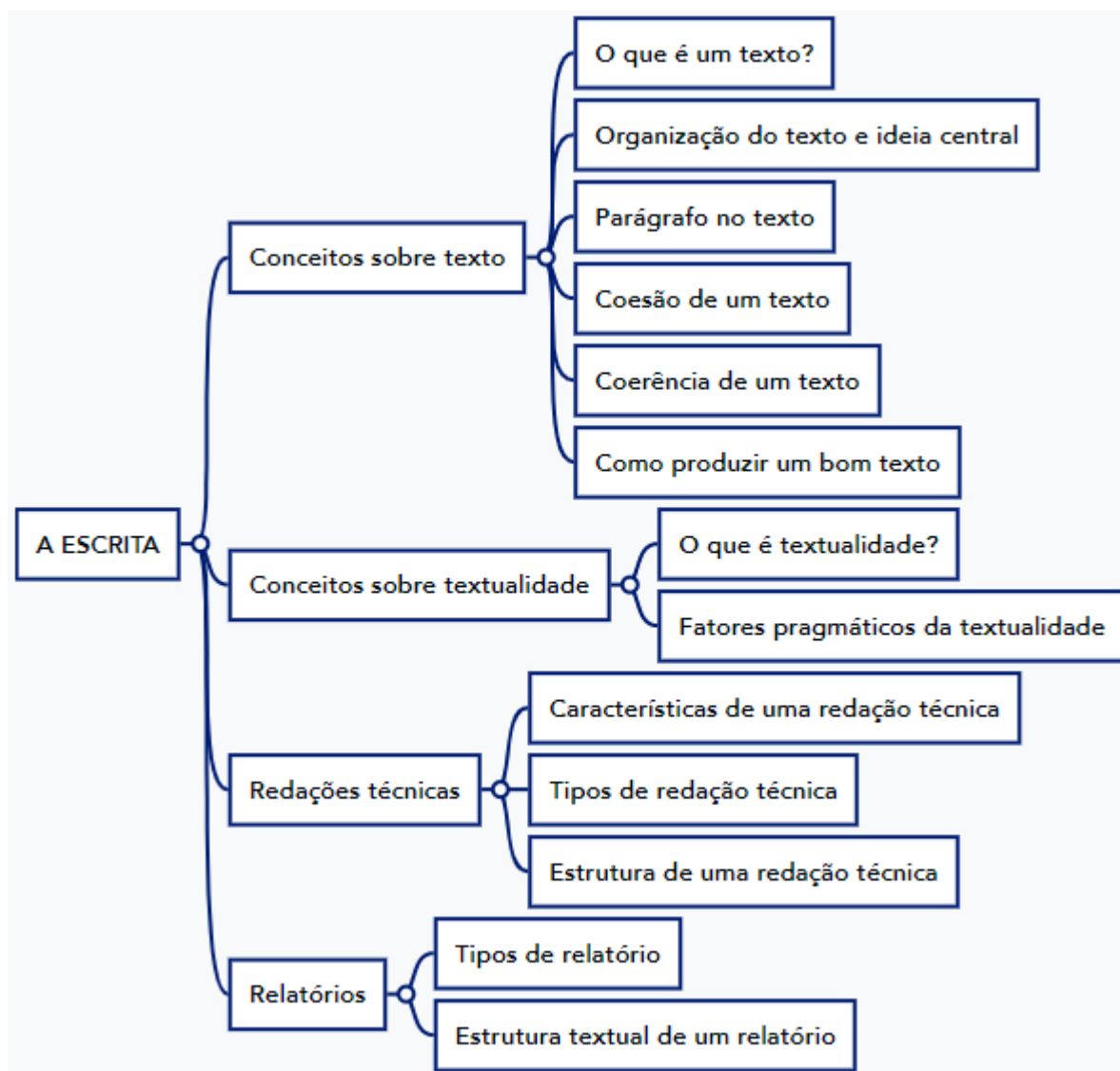
Não é à toa que o pensamento crítico é visto como uma habilidade essencial para todo bom estudante ou funcionário. Saber questionar e, especialmente, se questionar, é importante para abrir espaço para o conhecimento e para o surgimento de novas ideias. Quem convive com um colega que pensa assim sabe como sua capacidade de resolver conflitos e de compreender os outros é essencial no ambiente de trabalho.

Desenvolver um pensamento crítico pode ser difícil, mas os resultados vão mudar sua maneira de ver o mundo. Vale a pena tentar!

Sessões Especiais

MAPA DE ESTUDO





SÍNTESE DIRETA

1. IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO ORAL E ESCRITA

- Comunicação é essencial no ambiente de trabalho, impactando relacionamentos e resultados.
- Domínio da comunicação é valorizado no mercado profissional atual.

2. TIPOS DE TEXTOS

- **Dissertação:** Argumentativa e opinativa (artigos, resenhas, monografias).
- **Narração:** Relata fatos e eventos (crônicas, romances).
- **Descrição:** Descreve objetos, pessoas ou situações (biografias, currículos).

3. PROCESSOS E FATORES DA COMUNICAÇÃO

- **Emissor e Receptor:** Envio e decodificação da mensagem.
- **Código:** Sinais estruturados (verbal ou não-verbal).
- **Canal:** Meio pelo qual a mensagem é transmitida (telefone, e-mail, TV).
- Tipos de comunicação: **Unilateral** (sem resposta) e **Bilateral** (troca de mensagens).

4. FUNÇÕES DA LINGUAGEM

- **Referencial:** Informação objetiva (textos técnicos).
- **Expressiva:** Emoções do emissor (poemas, cartas).
- **Apelativa:** Convencer o receptor (publicidade, discursos).
- **Fática:** Manter o canal aberto (cumprimentos, saudações).
- **Metalinguística:** Explicação do código (dicionários).
- **Poética:** Uso estético da linguagem (poemas, músicas).

5. NÍVEIS DE LINGUAGEM

- **Culta:** Uso formal, baseado na norma culta.
- **Popular:** Cotidiana, mais flexível, com gírias.

6. DIFERENÇAS ENTRE LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

- **Linguagem escrita** é mais estática e elaborada.
- **Linguagem falada** é espontânea e expressiva, mas mais sujeita a mudanças.

7. COESÃO E COERÊNCIA

- **Coesão:** Uso de conectivos e organização textual para unir ideias.
- **Coerência:** Relação lógica entre ideias e compatibilidade com o contexto.

8. PRODUÇÃO DE TEXTOS

- Conhecimento do tema e cumprimento das regras gramaticais são fundamentais.
- Importância de introdução, desenvolvimento e conclusão bem estruturados.

9. TEXTUALIDADE

- Características que definem um texto: **Coesão, Coerência, Intencionalidade, Aceitabilidade, Situacionalidade, Informatividade e Intertextualidade.**

10. REDAÇÕES TÉCNICAS E LITERÁRIAS

- **Redações técnicas:** Objetivas e formais, usadas em relatórios, contratos, memorandos.
- **Redações literárias:** Subjetivas e conotativas, com foco estético e emocional.

MOMENTO QUIZ

1. Acerca da comunicação assinala é **CORRETO** afirmar:

- a) O termo *communicare* da qual deriva a palavra é originário do grego.
- b) Para que ocorra a comunicação é necessário apenas um emissor.
- c) Toda comunicação é pura e unicamente unilateral.
- d) A comunicação se restringe ao uso verbal.
- e) Para que ocorra a comunicação tem que haver um emissor e um receptor.

2. Acerca da linguagem e do uso da língua é **CORRETO** afirmar:

- a) A língua escrita dispõe de todos os recursos da língua falada.
- b) Apenas a linguagem verbal faz uso de signos para se expressar.
- c) A linguagem deve ser adequada ao contexto da comunicação, o que explica o emprego da linguagem coloquial ou culta.
- d) O padrão coloquial da língua manifesta-se pelo uso das normas gramaticais em situações de formalidade.
- e) A linguagem subdivide-se em intenções.

3. Sobre leitura, compreensão e interpretação de textos é **INCORRETO** afirmar:

- a) A prática da leitura mantém íntima conexão com a competência da escrita.
- b) A literatura é a arte de recriar através da língua escrita.
- c) Sempre que nos comunicamos com alguém, temos um objetivo.
- d) A interpretação de texto trata-se de uma competência imprescindível no mercado de trabalho e nos estudos.
- e) A interpretação é o estreitamento dos horizontes.

4. Qual é a principal ferramenta da comunicação?

- a) A gestualidade.
- b) A relação.

- f) A palavra.
- g) A intenção.
- h) A emoção.

5. Quais são as formas ou os gêneros de composição textual?

- a) Descrição, narração e dissertação.
- b) Descrição, dissertação e ação.
- c) Ação, terror, comédia.
- d) Tragédia e Epopeia.
- e) Narração, novela e teatro.

Gabarito

QUESTÃO	ALTERNATIVA
1	E
2	C
3	E
4	C
5	A

Referências

PEREIRA, Gil. C. *A palavra: expressão e criatividade*. São Paulo: Moderna, 1997.

Busuth, Mariangela F. *Redação técnica empresarial*. 2ª ed. São Paulo. Editora QualityMark, 2010.

Kranz, Garry. *Comunicação*. Rio de Janeiro. Senac Rio, 2009.

CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. De acordo com a nova ortografia. Ed. Lexicon. 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada ao Novo Acordo. Ed. Lucerna. 2001.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação empresarial*. São Paulo: Atlas, 1997.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1998.

Santos, Ruzia Barbosa dos. Oratória. Guia Prático para falar em Público. Senac Distrito Federal.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Edição revista e ampliada ao Novo Acordo. Ed. Lucerna. 2001.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1998.



OBRIGADO!
CONTINUE ESTUDANDO.